

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**UM ESTUDO SOBRE OS VERBOS MANUAIS DA
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Geyse Araújo Ferreira

**Brasília – DF
2013**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**UM ESTUDO SOBRE OS VERBOS MANUAIS DA
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Geyse Araújo Ferreira

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves.

**Brasília – DF
2013**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de autoria de Geysel Araújo Ferreira, intitulada “Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira”, requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, defendida e aprovada, em 19 de Março de 2013, pela banca examinadora constituída por:

Prof^ª. Dr^ª. Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília
Orientadora e Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Membro Titular

Prof^ª. Dr^ª. Heloisa Maria Moreira A. de Lima Salles
Universidade de Brasília
Membro Titular

Prof^ª. Dr^ª. Daniele Marcelle Grannier
Universidade de Brasília
Membro Suplente

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida: meu esposo Hely, minhas amadas vovó Terezinha e tia Clérída. Dedico também à LSB e à sua valorização.

AGRADECIMENTOS

Sempre agradeço em primeiro lugar a **Deus**, pela sua presença constante na minha vida, pelo auxílio nas minhas escolhas e por me confortar nas horas difíceis e pela realização desse sonho.

Às minhas amadas e especiais vovó **Terezinha** e tia **Clérída**, por me incentivarem a conquistar meus objetivos e pelas orações e pelo amor que sempre me dedica.

Aos meus irmãos **Eduardo**, **Káticia**, minha mãe **Regina**, meus cunhados, meus sogros **Ilídio** e **Almerinda**, minha amiga **Silvani** e outros amigos ouvintes e surdos que me apoiaram e que respeitaram alguns momentos em que precisei me ausentar nas datas importantes para me dedicar aos meus estudos.

Agradeço ao meu marido **Hely César** pelo apoio infinito, companheirismo e incentivo na realização de mais uma etapa.

A minha professora orientadora **Rozana**, por aceitar me acompanhar nesta pesquisa, pelo exemplo e compreensão no desenvolvimento da pesquisa. Agradeço pela revisão do português. Obrigada de coração!

À minha grande amiga e colega, **Carolina Resende**, que esteve do meu lado, desde a graduação até a defesa do mestrado. Os bons momentos vividos jamais serão esquecidos!

Ao meu querido amigo **Charley Soares**, por toda a amizade, o incentivo e a discussão acadêmica que jamais esquecerei!

À CAPES pelo suporte financeiro, por meio da bolsa de estudos concedida para a realização deste trabalho. E à Coordenação e Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) pelo suporte acadêmico.

Aos professores da UnB, principalmente à professora **Heloisa Salles**.

Aos amigos **Gláucio de Castro Júnior** e **Ediene de Melo**, que me incentivaram a fazer a inscrição para a seleção do mestrado.

E finalmente, meus agradecimentos a todos que, de alguma forma, colaboraram para a realização e a conclusão desta dissertação.

Muito obrigada de coração!

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema o estudo sobre verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira – LSB. A LSB é falada naturalmente pela comunidade surda no Brasil e se organiza gramaticalmente a partir de parâmetros que atuam nos diferentes níveis linguísticos. Por exemplo, no estudo da morfologia da LSB, Quadros e Karnopp (2004) caracterizam as categorias do substantivo e do verbo por meio do parâmetro do movimento (um caso de derivação), distinguindo, assim, por exemplo, o item lexical CADEIRA do item lexical SENTAR. As autoras mostram também outros tipos de verbos, como os formados a partir de nomes de instrumentos, que descrevem como sendo um caso de incorporação do sinal do instrumento ao item verbal (TESOURA *versus* CORTAR COM TESOURA). Com base nas abordagens teóricas sobre derivação e incorporação e na descrição desses processos para os dados da língua portuguesa, investigamos o processo de formação dos verbos manuais formados a partir de nomes de instrumentos, com o objetivo de verificar se o processo em LSB é um caso de derivação ou de incorporação (ou ambos). Após a análise, concluímos que os verbos são formados pelo processo de derivação, uma vez que o verbo correspondente não tem sinal próprio e que o sinal do instrumento passa a desempenhar o papel de verbo na construção sintática, em que não observamos, conclusivamente, uma diferença de movimento nos dados coletados. Os processos de incorporação restringem-se, segundo a nossa análise, à incorporação do objeto, como no caso de COMER MAÇÃ.

Palavras-chave: Língua de Sinais Brasileira, Gramática Gerativa, Derivação, Incorporação.

ABSTRACT

The theme of this research is the study of manual verbs in Brazilian Sign Language – LSB – which is the language naturally spoken by the deaf community in Brazil. LSB is grammatically organized from parameters that have a role at different linguistic levels. For example, to study the morphology of the LSB, Quadros and Karnopp (2004) characterize the categories noun and verb by means of the differences in the parameter of movement (a case of derivation), thus distinguishing, for example, the lexical item CHAIR from the lexical item SIT. The authors also show other types of verbs, such as those formed from the names of instruments, which are described as a case of incorporation of the instrument signal to the verbal item (SCISSORS versus CUT WITH SCISSORS). Based on theoretical approaches about derivation and incorporation, and the description of these processes of verb formation in Portuguese, we investigate the process of formation of manual verbs from the names of instruments, in order to verify if the process is a case of derivation or of incorporation (or both) in LSB. After the analysis, we conclude that the verbs are formed by derivation process, since the corresponding verb itself has no sign and the instrument signal figures out as the verb in the syntactic construction in which we have not observed, conclusively, a difference in the parameter of movement in the collected data. The incorporation process is restricted, according to our analysis, the incorporation of the object, as in the case of EAT APPLE.

Keywords: Brazilian Sign Language, Generative Grammar, Derivation, Incorporation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1. Gramática Gerativa	16
1.2. Aquisição da Linguagem	21
1.3. O papel do léxico na Gramática Gerativa	24
2. ASPECTOS GERAIS E ESPECÍFICOS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	29
2.1 Aspectos gerais da LSB	29
2.1.1 Parâmetros fonológicos	29
2.1.2 Tipos frasais.....	33
2.1.3 Expressão de tempo e aspecto	36
2.1.4 Ordem dos constituintes	39
2.2 Aspectos específicos da LSB: descrição das classes de verbos .	40
2.2.1 Verbos simples, verbos com concordância e verbos Espaciais.....	41
2.2.2 Verbos manuais.....	45
2.2.3 Verbos direcionais e verbos não-direcionais	47
3. FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO versus INCORPORAÇÃO	50
3.1 Derivação: um processo morfológico	50
3.1.1 Derivação de verbos a partir de nomes em português	51
3.1.2 Derivação de nomes a partir de verbos em LSB.....	53
3.2 Incorporação: um processo sintático	56
3.2.1 Incorporação de objeto em português.....	57
3.2.2 Incorporação de instrumento em LSB	60
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	64

4.1. Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	64
4.2. Apresentação dos dados	66
4.3. Análise dos dados	75
4.4. Conclusões a respeito da análise	78
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
Anexo I - Frases	86
Anexo II - Comitê de Ética	90
Anexo III - Termo de Autorização	100

INTRODUÇÃO

O pesquisador linguista William Stokoe, na década de 60, foi o primeiro a pesquisar sobre a língua de sinais utilizada pelos surdos e identificou que as línguas são consideradas pela Linguística como línguas naturais por verificar que os sinais não são apenas imagens icônicas dos objetos e fatos do mundo real e sim símbolos abstratos com uma complexa estrutura, ou seja, signos linguísticos. Nesse estudo, o autor comprova que as línguas de sinais (daqui em diante LS) apresentam todas as propriedades linguísticas de uma língua genuína, sendo utilizadas pelas comunidades surdas e distinguindo-se das línguas orais em termos da modalidade viso-espacial.

A língua dos surdos brasileiros, Língua de Sinais Brasileira (daqui em diante LSB), também conhecida como LIBRAS, é falada naturalmente pela comunidade de surdos no Brasil. Os primeiros estudos e publicações sobre LSB foram realizados na década de 80. E, ainda nessa época, a comunidade surda deu início à luta pelo reconhecimento da LSB como língua oficial no Brasil, o que foi alcançado somente no ano de 2002, com a promulgação da Lei nº 10.436.

A LSB é organizada a partir de parâmetros fonológicos, que formam os sinais, os quais serão apresentados brevemente no Capítulo 2 desta dissertação. Além da fonologia, a LSB é descrita nos níveis morfológico, sintático, semântico e pragmático. A nossa pesquisa, entretanto, será focada em um tema que relaciona: morfologia e sintaxe, que é a formação, na LSB, de verbos manuais especialmente aqueles que envolvem a interpretação de um instrumento.

O problema que pretendemos abordar neste trabalho é a diferença entre derivação e incorporação de argumento na formação dos verbos manuais, partindo das descrições que encontramos nos estudos sobre LSB.

Por exemplo, no estudo da morfologia da LSB, Quadros e Karnopp (2004) distinguem as categorias do substantivo e do verbo pelo parâmetro do movimento: nos substantivos há mais repetição do movimento, enquanto, nos verbos, o movimento é mais curto (ou seja, não se repete ou se repete menos vezes). Segue abaixo, um exemplo retirado do site Acesso Brasil (www.acessobrasil.org.br), para ilustrar essa diferença:

(1) a. CADEIRA



b. SENTAR



De acordo com as figuras acima, o item lexical substantivo CADEIRA apresenta a repetição do movimento. Já o verbo SENTAR, apresenta somente um movimento.

Além disso, Quadros e Karnopp (2004) mostram outros tipos de verbos em LSB, como os formados a partir de instrumentos, os quais analisam como incorporação do sinal do instrumento ao item verbal. Um exemplo, também retirado do *site* Acesso Brasil é o que está em (2):

(2) TESOURA / CORTAR (COM TESOURA)



A figura mostra que os itens lexicais TESOURA e CORTAR COM TESOURA constituem uma única forma, representada pelo sinal CORTAR COM TESOURA,

do que as autoras concluem que o instrumento foi incorporado ao verbo. Esses fenômenos serão descritos, de um ponto de vista teórico no Capítulo 3 desta dissertação.

Justificativa

Como surda bilíngue, fluente em LSB desde a época de adolescência, a percepção de comunicação em língua de sinais brasileira se tornava cada vez mais frequente nas reuniões de associações de surdo ou nas conversas com os amigos, colegas surdos. Na busca de aperfeiçoamento, tendo ingressado no curso de Letras LIBRAS promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), comecei a ter conhecimento das estruturas gramaticais da LSB e percebi a necessidade de pesquisar área da gramática das línguas de sinais, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da teoria linguística nessa área, para a inclusão da comunidade surda e nas pesquisas acadêmicas, para a sociedade em geral, por meio da disponibilização de materiais bibliográficos associados a esta pesquisa.

Como, há poucos trabalhos publicados na área de gramática, por ter pouco estudo sobre a estruturação de sentenças em língua de sinais brasileira, este trabalho visa dar uma contribuição aos estudos sobre os verbos da LSB, em comparação com a língua portuguesa.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa de dissertação é fazer uma análise, utilizando o referencial teórico da Gramática Gerativa, sobre a formação dos verbos manuais em LSB, especialmente aqueles que envolvem a interpretação de um instrumento, de modo a identificar se o processo de formação desses verbos é melhor descrito como derivação ou como incorporação do instrumento ao verbo, ou se ambos os processos acontecem em LSB. Uma questão que se coloca, para o cumprimento desse objetivo, é saber se o verbo é formado a partir do nome do instrumento ou se o nome do instrumento é formado a partir do verbo.

Entre os objetivos específicos, apontamos:

- realizar pesquisa bibliográfica sobre aspectos teóricos dos fenômenos de derivação e de incorporação, na literatura especializada e nos trabalhos desenvolvidos sobre o português e a LSB, entre outras línguas;
- constituir um *corpus* de dados de verbos manuais da LSB, mediante a gravação de sentenças produzidas por informantes surdos;
- analisar os dados coletados, de maneira a descrevê-los em termos dos processos de formação dos itens lexicais que dão origem aos verbos manuais em LSB.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa envolveu, além do levantamento bibliográfico sobre as classes de verbos em LSB e sobre o referencial teórico que adotamos, um levantamento de dados para a análise.

A coleta desses dados foi realizada com cinco informantes surdos, usuários da LSB, com idade entre 15 e 23 anos, filhos de pais ouvintes e residentes na cidade de Patos de Minas (MG), onde se deu a coleta dos dados.

Inicialmente, foi pedido aos participantes que sinalizassem os nomes dos instrumentos apresentados sob a forma de imagens (cf. Capítulo 4 desta dissertação). Foram treze imagens de instrumentos, distribuídas em quinze contextos de produção, e que subsidiaram a pesquisa. Em seguida, foi pedido aos participantes que formulassem frases com cada um dos instrumentos sinalizados.

Os dados foram registrados em vídeo e estão apresentados neste trabalho por meio de imagens (registros estáticos de vídeo) feitas com participante voluntário, distinto dos informantes. As imagens reproduzem exatamente a sinalização feita pelos informantes da pesquisa, os quais não aparecem nesta dissertação por motivos éticos.

Foi utilizado o sistema de transcrição por palavras para a apresentação dos dados.

Antes de realizarmos o trabalho, submetemos o projeto à Comissão de Ética na Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília, que emitiu parecer de aprovação do

projeto em 07 de dezembro de 2012. Os documentos e formulários de autorização da coleta de dados encontram-se no anexo¹.

Estrutura da dissertação

Essa dissertação está organizada em quatro capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais.

O Capítulo 1 apresenta o quadro teórico, o qual, como já foi mencionado, se insere na perspectiva da Gramática Gerativa. Inclui, também, uma discussão sobre aquisição da linguagem e uma breve exposição sobre o papel do léxico na gramática gerativa.

No Capítulo 2, apresentamos as propriedades descritivas da LSB, conforme encontradas na literatura atual. Essas propriedades são divididas em duas seções, que tratam, respectivamente, de aspectos gerais e de aspectos de específicos da LSB, esses últimos relacionados com o tema desta dissertação, ou seja, com a classificação dos verbos na LSB.

O Capítulo 3 aborda teoricamente os fenômenos da derivação e da incorporação, a partir de trabalhos sobre o português e sobre a LSB, entre outras línguas.

No Capítulo 4, apresentamos a análise dos dados coletados nesta pesquisa e dos resultados encontrados, relacionando-os com a proposta de Salles & Naves (2009) a respeito da análise de verbos do português que têm um argumento interpretado como instrumento.

¹ O projeto inicial nomeava-se “Incorporação de instrumentos nos predicados da Língua de Sinais Brasileira”. O título foi alterado para se adequar melhor os resultados alcançados na pesquisa.

CAPÍTULO 1

Referencial Teórico

Este capítulo apresenta o quadro teórico desta dissertação, o qual se insere na perspectiva da Gramática Gerativa. A seção 1.1 enfoca os pressupostos teóricos do gerativismo. Na seção 1.2, abordamos a questão da aquisição da linguagem sob essa perspectiva teórica. E na seção 1.3, fazemos uma breve discussão sobre o papel do léxico na Gramática Gerativa, distinguindo conceitos teóricos que contribuem para a análise do fenômeno gramatical que deu origem ao problema desta pesquisa.

1.1. Gramática Gerativa

O gerativismo, ou teoria gerativa, corresponde ao pensamento teórico desenvolvido pelo linguista americano Noam Chomsky na década de 50, argumentando que todas as línguas são produto de uma faculdade mental da linguagem. É, portanto, uma teoria linguística de natureza mentalista, que trabalha com a chamada hipótese inatista, segundo a qual o desenvolvimento da linguagem representa uma capacidade inata da espécie humana e, por isso, caracteriza biologicamente essa espécie, em oposição a outras espécies animais.

A linguagem, de acordo com Chomsky (1975, p.10), é “o espelho do espírito, num sentido profundo e significativo, produto da inteligência humana, uma criação renovada em cada indivíduo através de operações que ultrapassam o alcance da vontade ou da consciência”.

Chomsky propõe a existência de uma Gramática Universal (daqui em diante, GU), visando a explicar o funcionamento das faculdades mentais e como elas atuam na aquisição da língua e no desenvolvimento da competência linguística. A GU é uma caracterização do estado inicial da faculdade de linguagem, e tem como

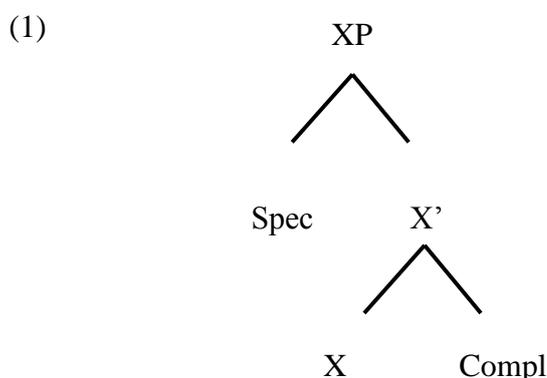
componente principal um sistema computacional que gera representações linguísticas a partir de um conjunto de princípios e de parâmetros.

De acordo com Lima-Salles e Naves (2010, p.20):

A GU se constitui como a base para aquisição de uma língua e consiste em um conjunto de princípios universais e altamente restritos, que contém um arranjo finito de opções que a eles se aplicam – os parâmetros –, cujos valores são especificados no processo de aquisição da língua, com base no *input* linguístico recebido.

O modelo de Princípios e Parâmetros constitui um avanço com relação à proposta inicial da gramática gerativa e foi desenvolvido por Chomsky, na década de 80. Como já foi dito, esse modelo postula que a GU é formada por princípios, que são leis gerais aplicadas para todas as línguas naturais, e por parâmetros, que são regras variáveis, pelas quais se explicam as diferenças entre as línguas e as mudanças dentro da própria língua. Portanto, de acordo com Chomsky, a gramática de uma língua se constitui de princípios fundamentais, universais, que determinam a forma da gramática, e também de um conjunto de parâmetros fixados pela experiência.

Quanto à estrutura, pressupõe-se que todas as línguas compartilham a mesma forma de construir sentenças, o que é formulado em termos do modelo abaixo, o qual explicita a natureza dos constituintes sintagmáticos:



Segundo esse modelo, a estrutura de um constituinte é sempre construída a partir de um núcleo (X), que determina as relações sintagmáticas (XP). O nível X' representa

uma projeção intermediária de X, em que X se relaciona com o complemento (Compl). Já XP representa o nível sintagmático, ou seja, a projeção máxima de X, que abriga o especificador (Spec).

A teoria chomskyana distingue, também, categorias lexicais de categorias funcionais. Na versão de Princípios e Parâmetros, as categorias lexicais se definem pela combinação de dois traços distintivos fundamentais – nominal [N] e verbal [V] –, valorados como positivos ou negativos. Com esses traços podem ser descritas quatro categorias lexicais nas línguas naturais, conforme demonstra o quadro a seguir, retirado de Miotto *et al* (2007, p.53): os nomes, que têm os traços [+N] e [-V]; os verbos, que têm os traços [-N] e [+V]; os adjetivos, que têm os traços [+N] e [+V]; e as preposições, que têm os traços [-N] e [-V].

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	Preposição
[+V]	Adjetivo	verbo

Já as categorias funcionais, ou seja, as categorias gramaticais, estão associadas às propriedades gramaticais, tais como tempo- modo-aspecto, pessoa e número, negação, determinação, tipo sentencial, entre outros. Identificam-se, em geral, as categorias funcionais: C (Complementador ou Complementizador, do inglês *Complementizer*), que representa uma posição sintática associada ao tipo frasal (necessária às construções interrogativas, por exemplo) e à topicalização; T ou INFL (Tempo ou, do inglês, *Inflection*), que pode se subdividir em Tempo propriamente dito (ou seja, as flexões associadas ao sistema tempo-modo-aspecto das línguas naturais) e Concordância de sujeito e de objeto (do inglês, AgrS e AgrO, *Subject Agreement* e *Object Agreement*, respectivamente); NEG (negação, do inglês, *Negation*); e D (Determinante, do inglês, *Determiner*).

Tanto as categorias lexicais quanto as funcionais constituem núcleos (na perspectiva do modelo em (1) e projetam seus próprios níveis sintagmáticos, distinguindo-se pelo fato de que os núcleos lexicais selecionam categorialmente e semanticamente os seus especificadores e complementos, enquanto os núcleos

funcionais os selecionam apenas categorialmente. As sentenças abaixo, retiradas de Mito *et al* (2007, p. 54) exemplificam esse fato:

(2) A Maria desmaiou sobre à mesa.

O exemplo acima mostra que o DP “a mesa” interpreta-se como um lugar que a Maria desmaiou. Nesse caso, “sobre” que está na sentença s-seleciona (seleciona semanticamente) o DP, ou seja, a mesa. Portanto, existem preposições, como “sobre”, que são núcleos lexicais e s-selecionam os seus argumentos, assim como os nomes, os verbos ou os adjetivos.

A versão mais recente da teoria gerativa, iniciada na década de 90, é conhecida como Programa Minimalista e visa explorar a questão de o quanto a linguagem é um sistema perfeito. É um modelo que busca privilegiar critérios de naturalidade, economia e simplicidade na descrição e na explicação das expressões linguísticas, pretendendo dar conta dos fenômenos da linguagem de forma mais elegante que os modelos anteriores. Portanto, o Programa Minimalista não representa uma nova teoria e sim um programa de pesquisa.

Na visão minimalista, a gramática de uma língua se constitui de um sistema computacional e de um léxico. O Sistema Computacional gera expressões linguísticas que fazem interface com os sistemas cognitivos: sistema articulatorio perceptual (A-P) e sistema conceptual intencional (C-I). Essas interfaces correspondem a dois níveis de representação: Forma Lógica (do inglês, LF – *Logical Form*) e Forma Fonética (do inglês, PF – *Phonetic Form*). Segundo Ferrari-Neto (2012):

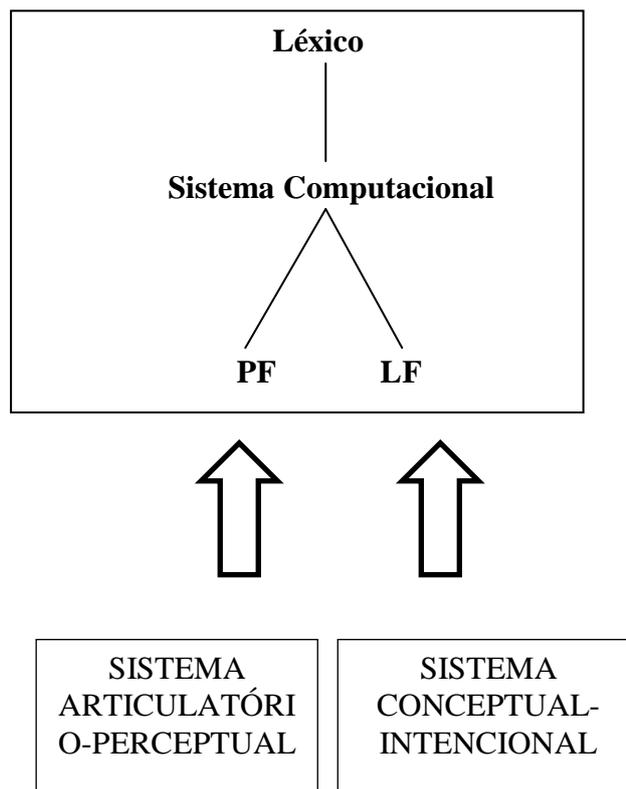
As expressões geradas pela Faculdade de Linguagem em cada um dos níveis de interface podem ser entendidas como instruções respectivas a cada nível de representação, o que permite a ela associar um dado conteúdo mental a uma dada porção sonora, permitindo assim conceber o processo de associação som-sentido que está na base de qualquer teoria sobre a linguagem humana.

O Sistema Computacional trabalha com os traços abstratos que formam os itens lexicais e se subdividem em: traços fonológicos, traços semânticos e traços formais. Esses últimos, por sua vez, se dividem em traços interpretáveis e traços não-interpretáveis e são definidos conforme Chomsky (1998, *apud* Lima-Salles e Naves, 2010, p. 23):

[Traços formais] são usados pelas operações computacionais que constroem a derivação de uma expressão [...] Numa língua dada, montam-se itens lexicais com traços, e então as operações computacionais fixas e invariantes constroem representações semânticas a partir daqueles de maneira uniforme.

Para formar as expressões linguísticas, o Sistema Computacional utiliza as operações: *Select* (Selecionar), *Merge* (Confluir), *Agree* (Concordar) e *Move* (Mover), as quais atuam sobre uma Numeração que é o conjunto de itens lexicais selecionados que podem ser usados na criação de um objeto sintático. Portanto, o léxico alimenta o Sistema Computacional, de forma que a teoria gramatical tem a forma que verificamos na figura a seguir:

Figura 1: A forma da gramática no Programa Minimalista



1.2. Aquisição da linguagem

Para Lyons (1987, p. 231), o termo “aquisição da linguagem é normalmente usado sem ressalvas para o processo que resulta no conhecimento da língua nativa (ou línguas nativas)”.

Na teoria gerativa, a aquisição de língua pela criança segue o esquema abaixo, retirado do artigo de Lima-Salles e Naves (2010, p. 20). Nesse esquema, S_0 corresponde ao estado inicial e S_n ao estado atingindo na gramática particular, que é a gramática da língua a ser adquirida pela criança:

$$(3) \quad GU (S_0) + input \longrightarrow \text{Gramática Particular } (S_n)$$

Por hipótese, a gramática universal (GU), postulada como o estado inicial do conhecimento linguístico do ser humano (S_0), interage com os dados linguísticos primários fornecidos pelo ambiente (*input*), atingindo um estado final (S_n), que é a gramática particular de uma dada língua.

Quanto ao processo de aquisição de língua, é importante destacar que, para ocorrer “a aquisição de língua, é fundamental que o *input* linguístico seja acessível à criança” (Lima-Salles e Naves, 2010, p. 27). Nesse aspecto, podemos dizer que não há problema com aquisição de língua pelas crianças surdas filhas de pais surdos. Somente haveria problemas para crianças surdas filhas de pais ouvintes que não utilizam a língua de sinais, colocando-as em dificuldade com relação à aquisição da primeira língua, já que o *input* oral não é acessível para essas crianças.

A aquisição da linguagem é um processo que apresenta padrões universais, uma vez que crianças com experiências de vida diferentes passam pelos mesmos estágios de aquisição. Segundo Grolla (2009, p.8), no caso das línguas orais, o primeiro estágio é identificado por meio do balbucio. Os bebês, nos primeiros dias de vida, emitem sons sem significado. A partir dos seis meses, as crianças podem balbuciar um grande número de sons, produzindo sílabas repetidas como “pa pa pa, bi, bi, bi”. Aos 10 meses, os sons emitidos pelos bebês mudam. Quando as crianças ouvem os sons, elas mapeiam o som ao significado. Logo depois de um ano, elas entram em outro estágio e começam a produzir as primeiras palavras (como “mamãe,

papai, etc.”). Elas nomeiam os objetos em seu ambiente. Com um ano e seis meses, as crianças entram no estágio de duas palavras, ou seja, elas combinam duas palavras isoladas, como no exemplo: “auau nanar” (cachorro dormiu). A ordem das palavras no estágio de duas palavras é a mesma ordem canônica da gramática do adulto. Aos dois anos de idade, as crianças possuem maior vocabulário e já produzem as sentenças simples com mais de duas palavras em língua oral. Nesse estágio há erros nos verbos produzidos pelas crianças adquirindo a língua portuguesa, como em “eu fazi” (eu fiz), o que significa que ainda não adquiriram as regras de formação do passado irregular. A partir de três anos, elas adquirem preposições e outras palavras da gramática e passam a usar sentenças com mais de uma oração, tais como relativas e coordenadas. Até os cinco anos de idade as crianças já adquiriram a linguagem como o mesmo padrão do adulto.

Vários estudos sobre aquisição de línguas de sinais afirmam que existe uma correlação entre a aquisição de línguas orais e a aquisição de línguas de sinais. Quadros (1997) mostra, a partir de uma pesquisa realizada com filhos surdos de pais surdos, que o processo de aquisição das línguas de sinais é semelhante ao das línguas orais e se subdivide em quatro estágios: pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações, estágio das múltiplas combinações.

No primeiro estágio, que corresponde ao período pré-linguístico e ocorre na faixa de 0 a 14 meses de idade, os bebês surdos começam a balbuciar, mas nesse caso o balbucio é manual, já que o *input* é o da modalidade visuo-espacial. Isso demonstra que o *input* adequado para o desenvolvimento da competência linguística da criança surda é língua de sinais.

No estágio de uma palavra, Quadros (1997) demonstra que a criança, de 12 meses até por volta 2 anos de idade inicia as primeiras produções de sinais, com expressões linguísticas de um sinal, assim como a criança ouvinte pronuncia as primeiras palavras.

No estágio das primeiras combinações, que se inicia por volta dos dois anos de idade, Quadros (1997) cita Fischer (1973) e Hoffmeister (1978), que observaram a ordem das palavras usadas pelas crianças surdas. Durante esse estágio da aquisição de língua pelas crianças surdas, a ordem mais utilizada é Sujeito-Verbo-Objeto (ou, separadamente, Sujeito-Verbo e Verbo-Sujeito). Para Meier (1980 *apud* Quadros,

1997), como não são todos os verbos da língua de sinais que podem ser flexionados marcando as relações gramaticais em uma sentença, a criança surda desenvolve a estratégia de utilizar os verbos indicados no próprio corpo, para marcar as relações gramaticais. Obviamente a criança adquire o sistema pronominal (EU e TU) na língua de sinais identificando, através da indicação, a si mesmo e ao outro.

O estágio de múltiplas combinações, alcançado por volta de dois anos e meio a três anos, se caracteriza pela ampliação do vocabulário. Nesse estágio, as crianças surdas cometem erros na gramática da língua de sinais, semelhantes ao caso do emprego da flexão verbal por crianças ouvintes, como já foi exemplificado anteriormente.

A aquisição de língua portuguesa por pessoas surdas segue, por consequência, os padrões de aquisição de uma segunda língua, uma vez que a maioria dos surdos possui a língua de sinais como primeira língua. Dada a ausência auditiva, a aquisição de língua portuguesa pelos surdos geralmente se dá em um contexto formal, por meio de exercícios de oralização ou por meio da escrita. Segundo Quadros (1997, p.84), “a necessidade formal do ensino da língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda”.

Estudos têm apontado que a aquisição precoce da língua materna pelos surdos através do contato visual com seus familiares é fundamental para que eles tenham a possibilidade de um desenvolvimento linguístico e cognitivo adequado. Dessa forma, a aquisição da primeira língua (L1) gera mais facilidade no aprendizado da segunda língua (L2). Portanto, os indivíduos surdos que receberam o *input linguístico* adequado nos primeiros anos de vida iniciam a sua vida escolar aprendendo a língua portuguesa por escrita em um processo de alfabetização em segunda língua, sendo que a língua de sinais continua sendo reconhecida e valorizada como a primeira língua dos surdos. Quadros e Schmiedt (2006, p. 24) afirmam que, nesse caso, ocorre o “processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados”, ainda que possa haver interferência da L1 (a LSB) na aquisição da L2 (a língua portuguesa), como apontou Brito (2001, p. 8):

embora seja, incontestavelmente, reconhecido que sem uma língua materna não há ensino/aprendizado de uma segunda língua, um dos problemas, na aquisição de segunda língua, são as interferências que a língua materna faz ocorrer na estruturação e uso da segunda língua, isto é, o ‘chega p’ra lá’ que a língua materna dá à segunda língua.

1.3. O papel do léxico na gramática gerativa

Como dissemos na seção 1.1, os traços formais dos itens lexicais devem orientar o Sistema Computacional a respeito das relações sintáticas que se estabelecem na formação de um objeto linguístico. Segundo Kenedy (2012, p. 43-44), os traços formais são responsáveis por:

(i) atribuir uma posição linear na sentença a certo item léxico, (ii) estabelecer um conjunto de relações sintáticas e semânticas entre esse item e outros com os quais ele tenha necessariamente de ser vinculado numa expressão linguística e (iii) associar marcas morfossintáticas como gênero, número, tempo, modo, aspecto, caso etc. aos itens em que tais marcas são forçosamente preenchidas na forma de afixos ou auxiliares existentes na língua em questão.

Como parte dos traços formais dos itens lexicais, o autor menciona o traço categorial, de que falamos anteriormente. O traço da categoria informa sobre a classe do item lexical na língua e as consequências desse traço para a construção gramatical. O autor exemplifica o traço categorial com os seguintes dados:

(4) [SUJEITO João [PREDICADO viu Maria]].

(5) *[SUJEITO João [PREDICADO visão Maria]].

A sentença (5) é gramatical porque “viu” é um verbo, com traço categorial “V”. O sistema posiciona esse item como núcleo da flexão do predicado. Já a sentença (6) é agramatical porque o item lexical “visão” é um nome (carrega o traço categorial “N”), mas está posicionado na função de núcleo da flexão do predicado, que é uma posição específica de verbos.

Outro traço formal existente no léxico é o de seleção (como também mencionamos rapidamente na seção 1.1). O traço de seleção, diferentemente do traço categorial, não é uma propriedade de todos os itens lexicais, uma vez que apenas itens lexicais que necessitam argumentos carregam esse traço. Como verificamos anteriormente na sentença (5), o item lexical “ver” seleciona dois argumentos (o sujeito “João” e o complemento do predicado “Maria”), mas o item lexical “visão” não seleciona argumentos na estrutura (6). O conjunto de argumentos de um núcleo é chamado estrutura argumental. Os traços formais do item lexical “ver” são assim representados pelo autor:

Figura 2: Estrutura argumental do item lexical “ver”

Item do léxico	Traços Formais
Ver	. Categoria V . Predicador . Estrutura argumental { __, __ }

Na última linha da segunda coluna, aparecem linhas entre colchetes, as quais indicam o número de argumentos que o predicado (o verbo “ver”) seleciona.

Os argumentos de um predicado se distinguem em argumentos internos e argumento externo. Conforme Kenedy (2012, p. 55):

Na literatura linguística, o complemento de um predicador é também referido como argumento interno, enquanto seu especificador pode ser denominado argumento externo. Essa nomenclatura reflete a maior imediaticidade (relação interna) do elo sintático entre predicador e argumento, por contraste à menor imediaticidade (relação externa) estabelecida entre especificador e predicador.

Para entendermos melhor a distinção entre argumento externo e interno, vejamos o exemplo dado pelo autor:

(6) João viu a Maria.

Nesse exemplo, o sujeito “João” é o especificador do predicado e, nesse caso, refere-se ao argumento externo, enquanto “Maria” é o complemento, chamado de argumento interno.

Essa abordagem também distingue argumentos de adjuntos. Como dissemos anteriormente, um argumento é o especificador ou o complemento de um núcleo, ou seja, os sintagmas selecionados semanticamente pelo núcleo. Já os adjuntos não fazem parte da estrutura argumental de um predicador, como demonstra o seguinte exemplo:

(7) Maria comprou o vestido ontem de manhã.

Em (8), “Maria” é o sujeito da sentença e “o vestido” é o complemento. “Maria” e “vestido” são argumentos do verbo “comprar”, sendo que “Maria” é o argumento externo e “o vestido”, o argumento interno. Mas “ontem de manhã” não se faz parte da estrutura argumental do verbo. Essa expressão é, portanto, um adjunto.

Kenedy (2012, p. 58) afirma que a s-seleção:

é um traço do léxico e, por conseguinte, integra a competência linguística de um falante de uma língua natural. Esse falante é capaz não somente de satisfazer esse tipo de traço quando fala, bem como é capaz de reconhecer a satisfação e violação do traço no uso da linguagem que fazem os seus interlocutores.

Além da s-seleção, a seleção categorial, ou seja, c-seleção também faz parte da competência linguística do falante. A c-seleção indica a categoria específica do argumento de um predicado, a qual pode ser: DP (sintagma determinante); AP

(sintagma adjetivo); PP (sintagma preposicionado); SC (pequena oração); ou CP/IP (cláusula). Sabemos, portanto, que os dois argumentos do verbo “ver” são DPs, conforme demonstra o exemplo abaixo:

(8) [DP João [VP viu [DP Maria]]].

Por fim, outro traço lexical relevante é o de papel temático, responsável pela interpretação dos argumentos de um núcleo. Na sentença “João viu Maria”, o sujeito “João” é interpretado como tendo uma experiência sensorial relacionada à visão e, por isso, o seu papel temático é Experienciador, enquanto “Maria” é interpretada como o objeto associado a essa experiência e o seu papel temático é o de Tema.

Portanto, a cada argumento de um predicado é possível atribuir um papel temático. Os principais papéis temáticos encontrados na literatura são Agente, Paciente, Experienciador, Tema, Benefactivo, Locativo, Alvo, Origem e Instrumento, conforme descrito na tabela retirada de Kenedy (2012, p. 62):

Figura 3: Lista de papéis temáticos

Papel temático	Interpretação semântica
Agente	Entidade que causa um evento. [João] chutou a bola.
Experienciador	Entidade que experiência de um evento. [João] ouviu um barulho.
Tema	Entidade objeto de um evento. João viu [Maria].
Paciente	Entidade que sofre um evento. [O marido] apanhou da mulher.
Benefactivo	Entidade beneficiada por um evento. João deu um presente para [Maria].
Locativo	Entidade em que se situa um evento. O aluno colocou o livro na [estante].

Alvo	Entidade em cuja direção ocorre um evento. João jogou as chaves para [Maria].
Origem	Entidade da qual parte um evento. O João veio de [casa].
Instrumento	Entidade com a qual se realiza um evento. João abriu a porta com [a chave].

Os traços formais dos itens lexicais, em especial os traços temáticos dos verbos, serão muito importantes no desenvolvimento da nossa pesquisa, que aborda o papel do sintagma instrumento na formação dos verbos manuais da LSB.

No próximo capítulo, faremos uma breve descrição das propriedades gramaticais da LSB, incluindo aspectos relativos à classificação dos verbos nessa língua.

CAPÍTULO 2

Aspectos Gerais e Específicos da Língua de Sinais Brasileira

Neste capítulo, apresentamos as propriedades descritivas da língua de sinais brasileira (LSB), conforme encontradas na literatura atual. O capítulo se divide em duas seções. Na seção 2.1, estão os aspectos gerais da LSB, não diretamente ligados ao nosso interesse de pesquisa. Já na seção 2.2, estão os aspectos relacionados ao nosso tema, ou seja, à descrição dos verbos nessa língua.

2.1 Aspectos gerais da LSB

A seguir, descrevemos brevemente a LSB em termos dos parâmetros fonológicos (cf. 2.1.1), dos tipos sentenciais (cf. 2.1.2), da expressão de tempo e aspecto (cf. 2.1.3) e da ordem dos constituintes (cf. 2.1.4).

2.1.1 Parâmetros fonológicos

Os sinais da LSB são constituídos por três parâmetros fonológicos principais: configuração de mãos (CM), movimento (M) e ponto de articulação (PA). Esses parâmetros são distintivos, na medida em que formam pares mínimos de palavras na língua, como mostram os exemplos de (1) a (3), para cada um desses parâmetros respectivamente:

(1) a. PEDRA



b. QUEIJO



Fonte:

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade4/unidade4_arquivos/imagem4.jpg

Os itens lexicais PEDRA e QUEIJO se opõem quanto à CM: a configuração de mãos em A é utilizada para sinalizar PEDRA e a configuração de mãos em L é utilizada para sinalizar QUEIJO.

(2) a. TRABALHAR



b. VIDEO CASSETE



Fonte:

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade4/unidade4_arquivos/imagem4.jpg

Os sinais TRABALHAR e VIDEO CASSETE são diferenciados pelo movimento. O movimento refere-se ao deslocamento da mão no espaço durante a execução do sinal e envolve uma grande quantidade de formas e direções. Segundo Castro Junior (2010, p.32): “O movimento é uma importante unidade mínima. Além de participar ativamente na produção do sinal, ele dá dinamismo a essa língua”.

(3) a. APRENDER



b. LARANJA



Fonte:

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade4/unidade4_arquivos/imagem4.jpg

Os itens APRENDER e LARANJA são produzidos em um ponto de articulação, que se refere ao lugar da produção do sinal, podendo ser realizado em alguma parte do corpo. A localização do item lexical APRENDER é diante da testa, enquanto LARANJA se realiza diante da boca, embora ambos tenham a mesma configuração de mão e apresentem o mesmo movimento. Castro Junior (2010, p. 34) afirma que: “o ponto de articulação é uma das principais unidades mínimas que compõe os parâmetros. Os sinais podem ser produzidos envolvendo quatro pontos de articulação: tronco, cabeça, mão e espaço neutro e subespaços (nariz, boca, olho, dentre outros)”.

Com relação às CMs, além de representar o alfabeto manual e os números, elas podem representar outras diversas formas que uma ou as duas mãos tomam na realização do sinal, como na tabela abaixo, em que Pimenta e Quadros (2008, p.73) apresentam sessenta e uma CMs:²

² Em sua tese de doutorado, a linguista Sandra Patrícia de Faria Nascimento apontou setenta e cinco CMs. Como este não é o tema da nossa pesquisa, remetemos os interessados ao trabalho da autora.



Além desses três parâmetros principais, é possível identificar, na formação dos sinais, outros dois parâmetros secundários: a expressão não manual (ENM) e a orientação das mãos (Or).

Conforme Nascimento (2010, p. 16), a orientação das mãos pode ser para cima, para baixo, para dentro, para fora, contralateral ou ipsilateral, como no exemplo abaixo, em que o verbo com concordância AVISAR utiliza a CM em Y, com a orientação em contralateral, em oposição a AVISAR-ME, que apresenta a mesma CM mas tem a orientação passando para ipsilateral:

(4) a. AVISAR



Capovilla e Raphael (2001, p.252)

b. AVISAR-ME



Capovilla e Raphael (2001, p.252)

O parâmetro ENM diz respeito ao movimento de bochechas, sobrancelhas, lábios, olhos, cabeça, língua e tronco, como no contraste observado nos exemplos a seguir:³

(5) a. FELIZ



b. TRISTE



A expressão facial também é utilizada para indicar o tipo sentencial: negação, afirmação, interrogação, exclamação. Portanto, a ENM é um elemento gramatical utilizado para compor os tipos sentenciais na LSB, como veremos na próxima seção.

2.1.2 Tipos frasais

Como dissemos na seção anterior, as sentenças declarativas, exclamativas, e interrogativas, assim com as afirmativas e negativas em LSB são marcadas pelas expressões não manuais, ou seja, a expressão facial é utilizada para indicar determinado tipo de sentença.

³ Quando as imagens não estão introduzidas ou identificadas por uma fonte específica é porque foram produzidas por um colaborador surdo, voluntário, especificamente para esta dissertação.

No caso da sentença afirmativa, a expressão facial é neutra e a cabeça pode se movimentar para cima e para baixo. Também pode ser sinalizado o item lexical SIM, como demonstra o dado (6), mas apenas o movimento da cabeça já identifica a sentença como afirmativa:

(6) SIM, EU GOSTAR

‘Sim, eu gosto’



Já as sentenças negativas em LSB podem ser construídas de três formas:

a) com o movimento lateral da cabeça, indicando negação:

(7) a. EU NÃO GOSTAR

‘Eu não gosto’



b) com a incorporação de um sinal de negação ao sinal do item lexical que está sendo negado:

(8) a. TER

b. TER-NÃO



O verbo TER é representado pela configuração de mão em L e apenas o dedo polegar tem contato com o peito duas vezes. Na negação, NÃO TER, a configuração de mão em L se mantém, mas o antebraço é posicionado para frente e o movimento é rotacional.

c) com o acréscimo do sinal do item lexical NÃO:

(9) NÃO COMER



Quanto às sentenças interrogativas, a sinalização é com as sobrancelhas franzidas e o movimento da cabeça inclinando para cima:

(10) ?EU GOSTAR

‘Eu gosto?’



E para exclamar, as sobrancelhas ficam levantadas e a cabeça se movimenta de cima e para baixo:

(11) !EU GOSTAR

‘Eu gosto!’



2.1.3 Expressão de tempo e aspecto

O tempo, em LSB, pode ser marcado por advérbios temporais, que aparecem antes ou depois da sentença, como nos dados a seguir:

(12) a. AMANHÃ P-A-U-L-O COMPRAR FRUTAS

‘Amanhã o Paulo comprará frutas’

b. P-AU-L-O COMPRAR FRUTAS AMANHÃ

‘O Paulo comprará frutas amanhã’

Os advérbios de frequência também podem ocorrer na posição inicial ou final da sentença, como em:

(13) a. SEMPRE EL@ COMER FRUTAS.

‘Sempre ele/ela come frutas’

b. EL@ COMER FRUTAS SEMPRE.

‘Ele/ela sempre come frutas’

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 143), os advérbios temporais e de frequência não podem interromper a relação entre o verbo e o objeto em LSB.

Quanto ao aspecto, em LSB ele é marcado pela relação com as formas e a velocidade do movimento. Essas relações definem as interpretações aspectuais, como nos exemplos a seguir:

a) aspecto incessante:

(14) CUIDAR



No sinal CUIDAR, acima, o aspecto incessante é representado por movimentos repetidos e rápidos. Significa que alguém cuida, cuida, cuida sem parar, sem desistir.

b) aspecto ininterrupto/durativo:

(15) CUIDAR



Nesse caso, a configuração de mãos é a mesma do exemplo em (14), mas o que diferencia é a frequência do movimento. Em (15), ocorre apenas um movimento para frente. Significa cuidar sem ser interrompido, o que configura o aspecto ininterrupto.

c) aspecto habitual:

(16) CUIDAR



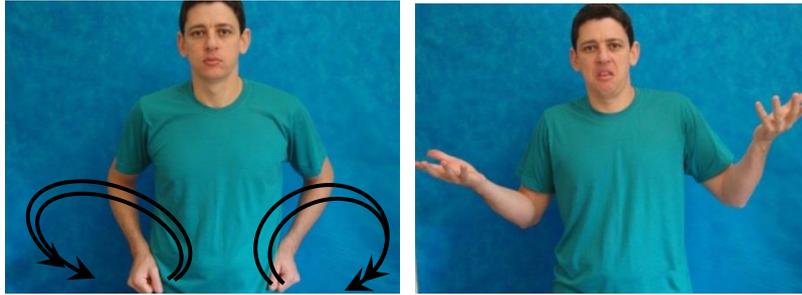
O aspecto habitual se caracteriza por movimentos repetidos, mas em ritmo devagar. Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 123), trata-se da “ação que apresenta recorrência”. Esse aspecto também é encontrado sob a forma do item lexical DIARIAMENTE/ TODO-DIA, que é assim representado:

(17) DIARIAMENTE/ TODO-DIA



d) aspecto contínuo:

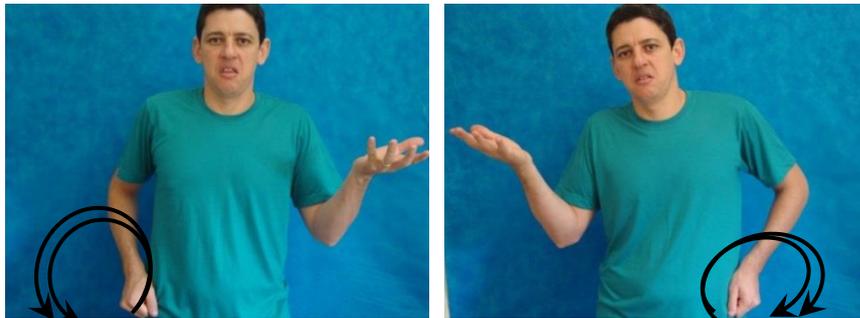
(18) GASTAR



O item lexical GASTAR está associado a movimentos circulares grandes, que representam o aspecto contínuo.

e) aspecto duracional:

(19) GASTAR



No aspecto duracional, uma mão se movimenta em forma circular, depois a outra mão faz o mesmo movimento e vice-versa.

2.1.4 Ordem dos constituintes

A ordem dos constituintes das sentenças em LSB é semelhante à da língua portuguesa, ou seja, predomina a ordem sujeito-verbo-objeto, chamada de SVO, como no exemplo abaixo:

(20) MA-R-I-A COMER DOCE ‘Maria come doce’

S V O

Mas, em LSB, embora Quadros e Karnopp (2004, p. 133) comprovem que a construção SVO seja mais comum, são encontradas também com muita frequência

construções do tipo SOV e OSV, que estão associadas com a presença do tópico, como comprovam os exemplos abaixo, retirados de Quadros e Karnopp (2004, p. 158), em que o sintagma topicalizado também é acompanhado de uma expressão não manual:

(21) FUTEBOL, JOÃO GOSTAR ‘Futebol, o João gosta’
 O S V



Ainda sobre a ordem dos constituintes, muitas sentenças na LSB possuem sujeitos ou objetos nulos, como afirma Quadros (1997, p. 3):

Tanto a posição de sujeito como de objeto pode ser omitida na LIBRAS observando restrições quanto a classe de verbos e a dependência de elementos do discurso, assim como observa Felipe. Nessas sentenças, a ordem SVO é mantida, pois a categoria vazia que “ocupa” as posições de sujeito e objeto apresentam realidade sintática, isso é verificado através da contraparte fonética das posições vazias.

Nesses casos, a ordem SVO da sentença em LSB é significativa para a identificação do sujeito da sentença:

(22) FALAR VOCÊ ‘Eu falo com você’
 V O

2.2 Aspectos específicos da LSB: descrição das classes de verbos

Nesta seção, fazemos um estudo sobre os tipos de verbos da LSB e de outras línguas de sinais, utilizando trabalhos desenvolvidos por outros autores. A divisão nas subseções mostra que os verbos são classificados segundo critérios específicos pelos autores, resultando em classes que às vezes se sobrepõem, como no caso dos verbos direcionais, que incluem os verbos com concordância. Isso mostra a complexidade do léxico e amplia a tarefa dos pesquisadores nessa área.

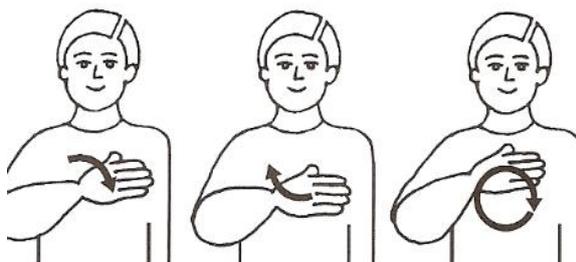
2.2.1 Verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais

Em relação à língua natural de surdos brasileiros, Quadros e Karnopp (2004) apresentam os tipos de verbos, em comparação com os verbos da língua de sinais americana (no inglês, *American Sign Language*, ASL).

a) Verbos simples:

São os verbos que não se flexionam em pessoa e número e não admitem afixos locativos; todavia podem flexionar-se em aspecto. Exemplos desse tipo de verbos em LSB são GOSTAR e CONHECER, abaixo, que têm o parâmetro de ponto de articulação dos sinais ancorados no corpo:

(23) a. GOSTAR



Capovilla e Raphael (2001, p.714)

O sinal do item lexical GOSTAR utiliza mão aberta, com a palma para dentro, tocando no peito e movendo-se em círculos para a esquerda.

b. CONHECER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 714 e p. 449)

Para sinalizar o verbo CONHECER, usamos a configuração de mão do número 4, com a palma da mão para a esquerda, batendo a lateral do indicador no queixo.

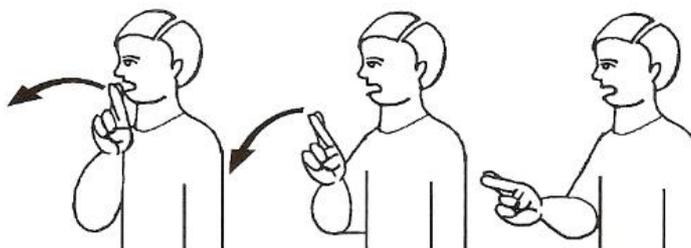
De acordo com Faria *et al* (2001, *apud* Faria-Nascimento e Correia, 2011, p. 92), que descrevem a LGP:

verbos ou predicados simples são de estrutura invariável e estática [...] Estes predicados não se modificam, porém, para dar qualquer informação gramatical, por estarem geralmente ancorados no corpo.

b) Verbos com concordância:

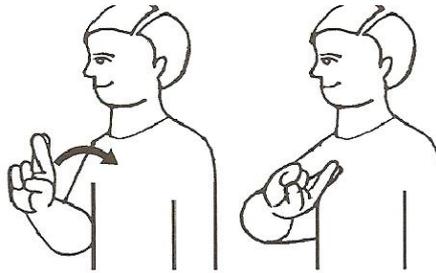
Flexionam-se em pessoa, número e aspecto, mas não apresentam afixos locativos. Em LSB, a flexão (concordância) de pessoa e número é marcada pela direcionalidade do sinal, ou seja, o movimento que se faz do argumento sujeito na direção do argumento objeto. Os dados em (24) e(25) são exemplos desse tipo de verbos em LSB:

(24) a. RESPONDER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.1138)

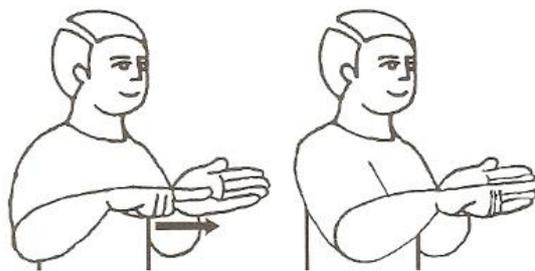
b. RESPONDER-ME



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.1139)

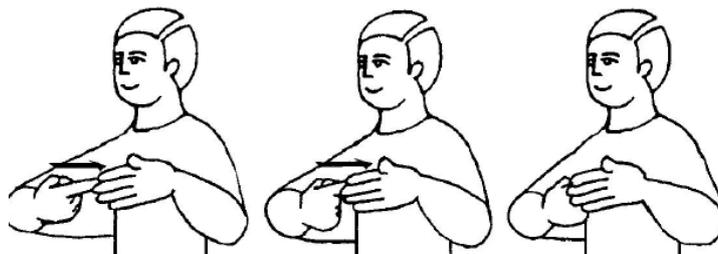
O verbo RESPONDER tem configuração de mão em R, com a palma da mão voltada para a contralateral, as pontas dos dedos (indicador e médio) tocando o queixo e movendo-se em arco para frente e para baixo. Esse verbo se flexiona em número e pessoa, conforme representado em (24b), em que a foto mostra que houve mudança de orientação da mão, o que nesse caso está representando a concordância de número-pessoa.

(25) a. PERGUNTAR



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1033)

b. PERGUNTAR-ME



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1033)

O verbo PERGUNTAR é sinalizado com a mão esquerda com a palma orientada para contralateral e a mão esquerda com configuração em D horizontal, com a palma para baixo e indicador apontando para frente, com a lateral tocando a base do pulso esquerdo e movendo-se para a frente. Esse item lexical representa um verbo com concordância, por ter a mudança de orientação do dedo indicador marcando o objeto, quando, por exemplo, o complemento é de 1ª pessoa do singular, em que o indicador vai para trás e não para frente, como na figura (25b).

Segundo Faria *et al* (2001, p. 94 *apud* Faria-Nascimento e Correia, 2011, p. 93), os predicados ou verbos com concordância em LGP informam pessoa, número e classe do objeto:

Para representar pessoa e número, o verbo altera, geralmente, o seu movimento dentro do plano horizontal do espaço sintático, referenciando directamente sujeito (s) e objecto (s). O objecto envolvido na acção pode variar consoante o tipo de classificador.

Conforme Pizzo (2006), a direcionalidade na sinalização dos verbos com concordância representa as relações semânticas, uma vez que a orientação da mão é voltada para o objeto da sentença, o que estaria associado à marcação de Caso. Nas palavras de Meier *et al* (2006), os verbos de concordância “codificam o papel sintático dos argumentos, como as características de pessoa e número através da direção do movimento das mãos e posição das palmas”.

c) Verbos espaciais:

São verbos que denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização, como nos exemplos a seguir:

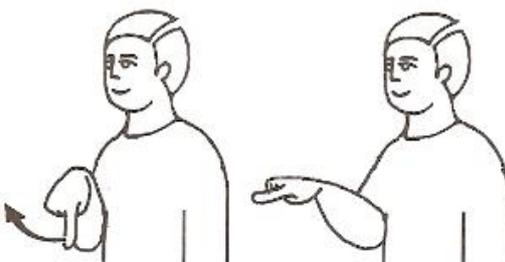
(26) a. CHEGAR



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 398)

Para sinalizar CHEGAR, as mãos devem ser abertas na vertical com as palmas de frente uma para a outra, e o movimento é feito inclinando as mãos em forma de arco para a esquerda e finalizando com todos os dedos apontando para baixo.

b. IR



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 768)

O sinal do verbo IR utiliza a configuração de mão em 1, com a palma voltada para dentro, o indicador apontando para baixo e fazendo um movimento para a frente.

2.2.2 Verbos manuais

Há, ainda, no estudo de Quadros e Karnopp (2004, p.136), os verbos manuais. São verbos que representam uma configuração de mão que reproduz uma mão segurando um objeto.

Apresentamos um exemplo desse tipo de verbo em (27), em que as mãos demonstram estar segurando o objeto que participa da ação verbal:

(27) COLOCAR-BOLO-FORNO

‘Colocar o bolo no forno’



É importante abordar nesta seção o que encontramos no trabalho de Faria *et al* (2001 *apud* Faria-Nascimento e Correia, 2011, p. 93), em que os verbos manuais são denominados “predicados de movimento ou de espaço” e indicam, “além da acção, o lugar onde a acção decorre”. Segundo as autoras, os verbos manuais podem incorporar os instrumentos que predicam:

[...] os predicados de movimento representam as unidades lexicais mais ricas em termos de quantidade de informação incorporada de forma simultânea e sequencial numa mesma expressão verbal. Ao recorrer às várias estratégias disponibilizadas pela articulação da mão e pelas componentes não manuais, o gestuante é capaz de especificar o percurso, a trajetória, a velocidade e o movimento. Através da configuração consegue caracterizar (o)s referente(s) envolvido(s) na acção; é ainda capaz de indicar a localização no espaço topográfico, desde o ponto de partida ao alvo, e tem sempre ao seu dispor a expressão facial e outras componentes não manuais para acentuar o modo e o aspecto ou a percepção emocional do evento. Desta forma, o conteúdo semântico da acção é largamente enriquecido pela informação complementar.

As autoras acrescentam, ainda, que há três tipos de verbos manuais, quais sejam:

- a) verbos locativos, tais como COLOCAR, IR e CHEGAR, que apresentam afixo locativo;
- b) verbos classificadores de entidade, que exprimem deslocamento de entidade, ou seja, “eles incorporam a configuração de mão do classificador da entidade que

representam” (Faria-Nascimento e Correia, 2011, p. 95), tal como o verbo ANDAR, quando se refere a pessoa (ANDAR-PESSOA) ou a animal (ANDAR-ANIMAL);

- c) os verbos classificadores de instrumento, que apresentam a configuração de mão que representa a forma de segurar o instrumento para produzir a ação, como CORTAR-COM-TESOURA, PINTAR-COM-PINCEL, PASSAR-A-FERRO.

2.2.3 Verbos direcionais e verbos não direcionais

De acordo com Brito (1995, p. 61), na LSB são encontrados também verbos direcionais e não direcionais. Os verbos direcionais são numerosos e se identificam por utilizarem o espaço neutro, enquanto os verbos não direcionais não têm marca de concordância e se dividem em duas subclasses: verbos ancorados no corpo e verbos que incorporam o objeto.

Os verbos ancorados no corpo são verbos sinalizados com contato próximo ao corpo, e os verbos que incorporam o objeto se caracterizam pelo fato de que alguns parâmetros modificam-se para especificar informações relativas aos argumentos.

O verbo DAR/ ENTREGAR, abaixo, é considerado verbo direcional porque a direção do movimento demonstra o ponto inicial (que corresponde ao sujeito) e o ponto final (que corresponde ao objeto indireto ou argumento dativo), marcando, portanto, a concordância pessoa-número – observamos que esse tipo de verbo é chamado, por Quadros e Karnopp (2004) de verbo com concordância, conforme apresentamos anteriormente:

(28) EU DARVOCÊ/EU ENTREGAR VOCÊ

‘Eu dou (algo) para você/Eu entrego (algo) para você’



Também apresentamos os exemplos (29) e (30), retirados de Brito (1995, p. 62), que contêm verbos não direcionais:

(29) COMER-MAÇÃ



Este é um exemplo de verbo não direcional que incorpora o objeto. O sinal do verbo COMER se modifica para especificar a informação de que o objeto é MAÇÃ.

(30) ESCOVAR-DENTE



O verbo ESCOVAR representa um verbo não-direcional sinalizado próximo do corpo do próprio sinalizador. O sinal se realiza junto da parte do corpo que é o objeto do verbo e, nesse caso, dizemos que o verbo é ancorado no corpo.

Observamos que os verbos não direcionais do tipo ESCOVAR-DENTE e os verbos manuais (que incorporam o instrumento) constituem o nosso objeto de pesquisa nesta dissertação, que trata do papel do instrumento na estrutura argumental e sintática do verbo. Embora ESCOVAR DENTE como um caso de incorporação do objeto, observamos que o sinal de ESCOVAR se modifica em função do instrumento (no caso, escova de dentes), o que nos faz pensar que podemos analisar esse tipo de verbo junto com os verbos manuais.

O capítulo seguinte traz uma explicação teórica sobre os processos de derivação e de incorporação, que são o fenômeno analisado neste trabalho.

CAPÍTULO 3

Formação de Palavras: derivação *versus* incorporação

Como mencionamos anteriormente neste trabalho, a formação de verbos em LSB ora é interpretada como um caso de derivação de nomes, por meio de uma modificação no parâmetro do movimento, ora é interpretação como um caso de incorporação de objeto ou de instrumento. Portanto, é importante entendermos teoricamente os processos de derivação e de incorporação, para analisarmos os dados coletados. Neste capítulo apresentamos esses processos: a seção 3.1 trata da derivação e a seção 3.2, da incorporação.

3.1 Derivação: um processo morfológico

O termo derivação se refere, segundo Basílio (1987, p. 26), ao processo que “se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra”. De acordo com esse conceito, as formas abaixo são exemplos de derivação:

- (1) livro + -eiro = livreiro
- (2) papel + -ria = papelaria
- (3) in- + feliz = infeliz

Vemos que a palavra “livro”, acrescida do sufixo “-eiro”, forma a palavra “livreiro”, significando função da pessoa que negocia livros. A palavra “papel”, acrescida do sufixo “-aria”, produz “papelaria”, cujo significado é o local que vende papel e objetos escolares, de escritório. Já a palavra “feliz”, acrescida do prefixo

negativo, forma “infeliz”, que significa aquele ou aquilo que não está feliz. Portanto, as formas citadas são derivadas porque têm a estruturação base + sufixo ou base + prefixo.

De acordo com a visão de Fiorin (2003, p. 71):

Os processos derivacionais são bastante produtivos. Tal fato pode ser explicado não só pela possibilidade elevada de combinação de raízes e afixos, mas por que, em muitos casos mudam a classe da nova palavra formada, como na nominalização de verbos, processo altamente produtivo que forma substantivos a partir de verbos.

3.1.1 Derivação de verbos a partir de nomes em português

No português, o processo mais produtivo para formar verbos a partir de nomes é a derivação por meio dos sufixos verbalizadores -ar, -er, -ir (sendo o sufixo -ar mais produtivo que os outros dois), como nos exemplos a seguir:

(4) escova + -ar = escovar

(5) pente + -ar = pentear

Nesses casos, os nomes de instrumentos (“escova” e “pente”), acrescidos do sufixo verbalizador, produzem os verbos correspondentes: “escovar” e “pentear”.

Entretanto, um processo inverso, chamado de derivação regressiva, forma nomes a partir de verbos, pela eliminação do sufixo verbalizador, como nos exemplos:

(6) jogar - -ar = jogo

(7) lutar - -ar = luta

(8) atacar - -ar = ataque

Nesses exemplos, os sufixos verbais são subtraídos, resultando nos nomes correspondentes.⁴

Conforme Basílio (1987, p. 37):

O que caracteriza basicamente a derivação regressiva é o fato de que uma nova palavra é formada pela supressão de um elemento, ao invés de por acréscimo. Ou seja, a palavra derivante (a palavra da qual outra deriva) tem uma parte retirada, formando-se assim uma nova palavra.

Um problema que se coloca para as derivações em (4)-(5) e (6)-(7)-(8), segundo Basílio, é de natureza semântica e se resume em determinar qual é a palavra primitiva (se é o nome ou se é o verbo) e qual é a palavra derivada (se é o verbo ou se é o nome). Segundo ela, as gramáticas normativas distinguem o significado de ação como primitivo na derivação regressiva (exemplos (6)-(7)-(8)) e o significado de objeto concreto ou substância como primitivo na derivação por sufixação (exemplos (4)-(5)).

A autora propõe que, em caso de dúvida, devemos levar em consideração a relação sintático-semântica entre o substantivo e o verbo. Ela exemplifica com a sentença (9), dizendo que é possível interpretar essa frase como “Pedro está ficando aborrecido porque Maria está demorando” – a “demora” sendo interpretada como verbo –, ao contrário da sentença (10), em que não é possível interpretar “enfeite” como verbo (equivalente a “Maria não demorou muito se enfeitando”):

(9) A demora de Maria está aborrecendo Pedro.

(10) O enfeite de Maria não durou muito.

⁴ Basílio (1987) observa que, nos casos de derivação regressiva deverbal, além da supressão do sufixo verbalizador, há também o acréscimo da vogal temática do nome: -o para “jogo”, -a para “luta” e -e para “ataque”. Assim, a nomenclatura derivação regressiva não é adequada para caracterizar esse processo. Essa discussão, entretanto, não é importante para o nosso trabalho.

Assim, “demora”, que tem interpretação verbal, é formado por derivação regressiva a partir do verbo “demorar”, enquanto “enfeite”, que tem interpretação nominal, é o primitivo que dá origem ao verbo “enfeitar” por derivação sufixal.

Os exemplos apresentados em (4), (5) e (10) nos interessam porque são formações que envolvem um instrumento. Concluímos, então, que, no português, são os nomes de instrumentos que dão origem aos verbos, por derivação sufixal.

Quanto aos processos derivacionais, Basílio (1987, p. 61) aborda, também, no seu trabalho, a derivação imprópria ou conversão, que é definida como “o processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra”, como no exemplo a seguir, em que o adjetivo “pobres” é empregado como substantivo sem que a sua estrutura morfológica seja alterada:

(11) Os pobres precisam de ajuda.

Esse processo é importante para nós porque, em línguas como o inglês, os verbos relativos aos nomes de instrumentos podem ter o mesmo nome que o instrumento correspondente, sem nenhuma alteração morfológica, como nos exemplos abaixo:

(12) *brush* ‘escova’; to *brush* ‘escovar’

(13) *comb* ‘pente’; to *comb* ‘pentear’

(14) *garnish* ‘enfeite’; to *garnish* ‘enfeitar’

3.1.2 Derivação de nomes a partir de verbos em LSB

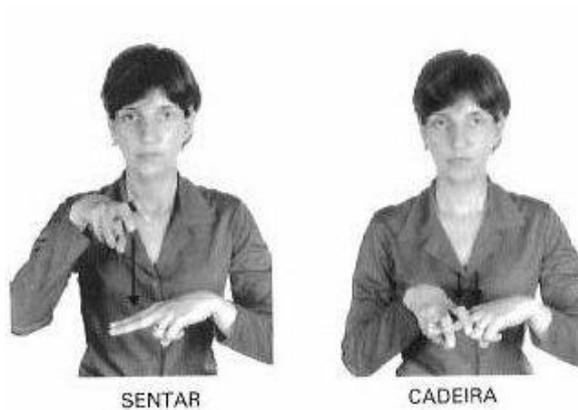
Quadros e Karnopp (2004) argumentam que a mudança da categoria verbo para a categoria nome na LSB é um processo de derivação. As autoras identificam pares de verbos/nomes e mostram que é possível derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento: no sinal dos nomes há repetição do movimento feito no sinal dos verbos correspondentes, sendo que os parâmetros de ponto de articulação, configuração e orientação de mãos são mantidos.

Os exemplos a seguir mostram a diferença entre verbo e nome em LSB:



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Os sinais para TELEFONAR e TELEFONE apresentam os mesmos parâmetros, exceto para o movimento, que é curto para TELEFONAR e repetido para TELEFONE.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

No par SENTAR e CADEIRA também: o sinal varia somente quanto ao movimento: curto para SENTAR e repetido para CADEIRA.

Quadros e Karnopp (2004) seguem o estudo realizado por Supalla e Newport (1978), que descreveram as diferenças entre verbos e nomes da ASL em termos de movimento. A seguir, a lista dos verbos e nomes analisada pelos autores, retirada de Valli e Lucas (2000, p. 55):

TABLE 3. Related Verbs and Nouns in ASL

VERBS	NOUNS
FLY	AIRPLANE
GO-BY-BOAT	BOAT
GO-BY-SKIS	SKIS
CALL	NAME
SELL	STORE
OPEN-BOOK	BOOK
SIT	CHAIR
PUT-GAS-IN	GAS
OPEN-DOOR	DOOR
CLOSE-WINDOW	WINDOW
PUT-ON-CLOTHES	CLOTHES
PUT-ON-HEARING-AID	HEARING-AID
PUT-ON-PERFUME	PERFUME
LICK-ICE-CREAM	ICE-CREAM
COMB-HAIR	COMB
USE-BROOM	BROOM
USE-SHOVEL	SHOVEL
PAINT	PAINT
IRON-CLOTHES	IRON
ICE-SKATE	ICE-SKATES
ROLLER-SKATE	ROLLER-SKATES
PRINT	NEWSPAPER

De acordo com Valli e Lucas (2000, p.54):

These noun-verb pairs were first analyzed by Ted Supalla and Elissa Newport, two researchers who published their findings in 1978. Supalla and Newport noticed that there are pairs of verbs and nouns in ASL that differ from each other only in the movement of the sign. For example, in the pair sit and chair, the handshape, location, and orientation of the two signs are the same, but the movement is different. It is the movement that creates the difference in meaning between the two signs. In the same way, the handshape, location, and orientation of fly and airplane are the same, but the movement is different.⁵

⁵ Esses pares de nomes-verbos foram analisados por Ted Supalla e Elissa Newport, dois pesquisadores que publicaram seus estudos em 1978. Supalla e Newport notaram que há pares de verbos e nomes em ASL que se distinguem um do outro somente quanto ao movimento do sinal. Por exemplo, no par *sentar* e *cadeira*, a configuração de mão, a locação, e a orientação dos dois sinais é a mesma, mas o movimento é diferente. É o movimento que cria a diferença de significado entre os dois sinais. Da mesma forma, a configuração de mão, a locação e a orientação de *voar* e *avião* são as mesmas, mas o movimento é diferente.

A seguir, estão representados os sinais de AIRPLANE ‘avião’ e FLY ‘voar’ em ASL, para exemplificar o que está citado acima:

(15) AIRPLANE ‘avião’



Fonte: <http://www.lifeprint.com>

(16) FLY ‘voar’



Fonte: <http://www.lifeprint.com>

Para sinalizar o nome AIRPLANE é utilizada a mão com dedos indicador, mínimo e polegar estendidos e o movimento é feito para frente e para trás. E para sinalizar o verbo FLY, a configuração de mão é a mesma que a do nome, mas o movimento é feito só para frente.

3.2 Incorporação: um processo sintático

O termo incorporação foi utilizado por Baker (1998) para descrever processos sintáticos em que um item lexical se combina com outro item lexical para formar um objeto linguístico complexo. Esses processos são tratados por Baker como

casos de movimento de um núcleo nominal para um núcleo verbal e não como o movimento de sintagmas.

De acordo com Baker (1988, *apud* Veloso, 2008, p. 103), a incorporação sintática nominal nas línguas naturais se caracteriza pelas seguintes propriedades: (i) inversão da ordem linear canônica do verbo e do objeto; (ii) combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal, resultando em um verbo complexo; (iii) referência a uma classe genérica ou não-específica pelo nome incorporado; (iv) incorporação de argumentos internos verbais, instrumentos e/ ou locativos, considerados objetos estruturais.

3.2.1 Incorporação de objeto em português

Saraiva (1997) faz uma análise sobre o comportamento gramatical do sintagma nominal (SN) nu em posição de objeto nas sentenças produzidas em língua portuguesa, abordando aspectos sintáticos e semânticos característicos do SN nu.

Entendemos como SN nu o sintagma nominal constituído somente do núcleo, ou seja, somente do nome comum, sem a utilização de marca de plural, como no exemplo retirado de Saraiva (1997, p. 17), em que o objeto, posicionado imediatamente após o verbo é constituído pelo nome comum singular “menino”:

(17) Fui buscar menino no colégio.

Segundo a autora, nessa sentença, não há interesse em explicitar se a primeira pessoa do singular buscou um menino, ou vários meninos, ou uma menina. Essa interpretação se opõe à de uma sentença com SN pleno, constituído do nome, plural ou singular, acompanhado de determinantes, como no exemplo também retirado de Saraiva (1997, p. 17), em que é possível identificar que filha a primeira pessoa foi buscar:

(18) Fui buscar a minha filha no colégio às cinco horas.

Outros exemplos de construção com objeto incorporado, apresentados por Saraiva (1997), abaixo, apresentam os mesmos verbos que são o objeto de estudo do nosso trabalho:

- (19) a. Eu vou passar roupa à tarde.
b. Gosto de tomar café bem devagar.

As diferenças de comportamento entre o SN nu e o SN pleno na posição de objeto, demonstradas pela autora, são as seguintes: o SN nu tem de estar posicionado imediatamente após o verbo e não pode ser topicalizado (cf. (20)), diferentemente do que ocorre com o SN pleno, que não precisa estar adjacente ao verbo e pode ser topicalizado (cf. (21)):

- (20) a. *Fui buscar no colégio menino.
b. ?? Menino, vou buscar no colégio às cinco horas.⁶
- (21) a. Fui buscar no colégio a filha de Maria.
b. A minha filha, vou buscar no colégio às cinco horas.

A autora investiga, também, os traços de interpretação dos SNs nus em posição de objeto. São considerados, como traços característicos da interpretação dos SNs, em geral, os que estão no quadro a seguir, retirado de Saraiva (1997, p. 47):

a) Identificabilidade	[± I]
b) Foco nos membros integrantes da classe	[± M]
c) Quantificação universal	[± U]

No caso dos SNs nus exemplificados em (17) e (19), a interpretação é dada pelos traços:

[-I], porque o referente não é identificável (não se identifica que menino, que roupa ou que café); e

⁶ O julgamento da sentença como ?? é da autora.

[-M], porque não há foco nos membros integrantes da classe de “menino”, “roupa” e “café” – ao contrário, o que está em jogo, segundo a autora, é “o conjunto total das propriedades que caracterizam a descrição ‘menino’” (p. 50).

O traço [\pm U] não se aplica, de acordo com a análise feita pela autora, porque a interpretação não é a de totalidade do conjunto ([+U]) nem a de destacar um elemento entre os demais do conjunto, o que opõe a sentença (17), por exemplo, às construções em (22):

- (22) a. # Fui buscar todo menino no colégio às cinco horas.⁷
b. Fui buscar este menino no colégio às cinco horas.

Além dos traços acima, Saraiva (1997) observa que os SNs nus em posição de objeto não podem ser retomados por um elemento pronominal anafórico, o que significa que esse SN também carrega o traço [-Pr] (onde Pr significa “retomada por pronome pessoal de mesmo gênero e número do DN”), como no exemplo:

- (23) *Fui buscar menino_i no colégio às cinco horas mas ele_i não estava lá.

Saraiva (1997, p. 50) conclui, a respeito dos SNs nus objeto, que:

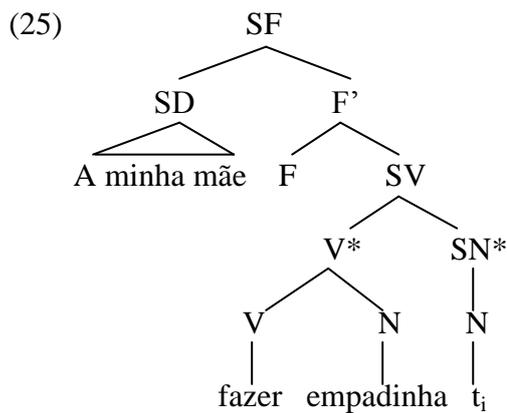
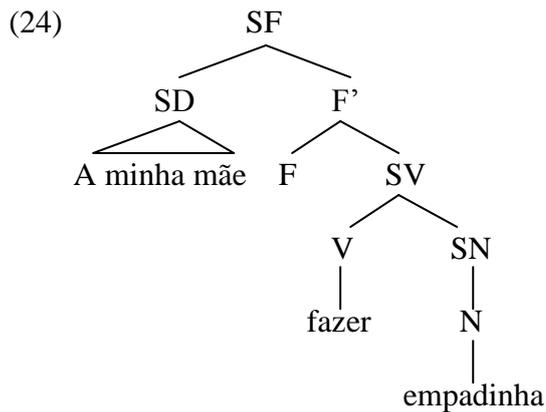
o nome aí é considerado como um feixe de traços. Sendo assim, o sentido do nome nesse exemplo, associa-se tão intimamente com o sentido do verbo, que os dois elementos, verbo + SN, passam a formar um todo semanticamente coeso, a traduzir uma idéia unitária.

E reserva a denominação de objeto incorporado para esse tipo de constituinte caracterizado pela seguinte matriz de traços: [-I, -M, -Pr]. A autora explica que há “uma incorporação do significado do nome ao significado do verbo de tal modo a constituírem ambos uma unidade semântica” e que, no português, não há

⁷ O julgamento da sentença como # é da autora.

incorporação morfológica, mas apenas incorporação semântica, o que revela um comportamento sintático peculiar.

Saraiva (1997) analisa a incorporação do SN nu objeto em português na mesma trilha de Baker (1988; 1993), como exemplificado abaixo para a construção “A minha mãe fez empadinha” (Saraiva, 1997, pp. 138-139):



Em (24), está a construção transitiva, sem incorporação, e em (25) a construção com incorporação, em que o núcleo nominal “empadinha” se moveu para o núcleo verbal “fazer”, formando um único constituinte.

3.2.2 Incorporação de instrumento em LSB

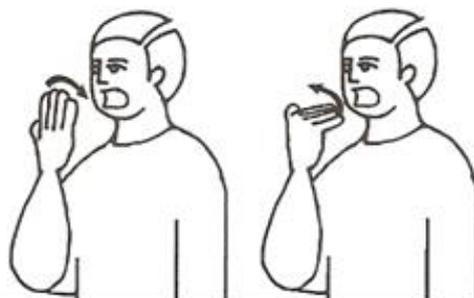
Brito (1995, p. 25) aborda a incorporação em LSB como a informação léxico-sintática que se dá pela superposição da informação do léxico somada à informação de ordem sintática. A autora exemplifica a incorporação de objeto com a construção COMER-MAÇÃ, que ilustramos a seguir:

(26) COMER-MAÇÃ



O sinal apresentado acima para o predicado COMER-MAÇÃ é o mesmo sinal do objeto MAÇÃ, portanto o objeto foi, segundo a autora, incorporado ao item verbal, que não é sinalizado (lexicalizado), apesar de existir em LSB um sinal para COMER, como representado em (27):

(27) COMER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 434).

Como apontamos no Capítulo 2, os verbos manuais são descritos na LSB como verbos, conforme Faria-Nascimento e Correia (2011) que podem incorporar o objeto ou o instrumento para predicar. Nesse caso, para sinalizar o predicado, utilizamos a configuração de mão com a forma com que seguramos o objeto (ou o instrumento) para a produção da ação, como no exemplo a seguir:

(28) COLOCAR-BOLO-FORNO



O exemplo acima mostra que o voluntário está segurando o objeto BOLO para sinalizar COLOCAR-BOLO-FORNO

. Dessa forma, de acordo com o que encontramos na literatura, ocorre a incorporação do objeto ao verbo, formando um só item lexical.

Veloso (2008) analisa como casos de incorporação, predicados como os exemplificados a seguir:

(29) ARANHA ANDAR PELO TETO



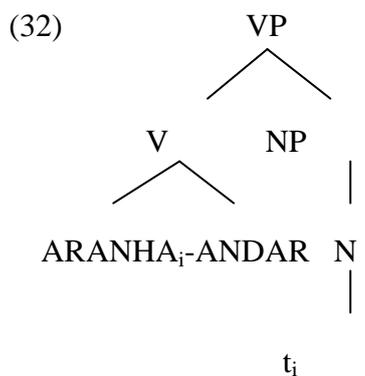
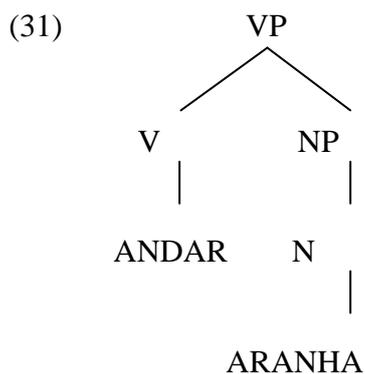
Fonte: Veloso (2008, p. 102)

(30) ÁRVORE CAIR



Fonte: Veloso (2008, p. 102)

A autora adota Baker (1988) e representa sintaticamente a incorporação do objeto em LSB da mesma forma que Saraiva (1997) faz para o português, como mostra o exemplo abaixo, retirado de Veloso (2008, pp. 104-105; siglas em inglês):



Os processos de derivação, conforme apresentados aqui, são importantes para a análise dos dados que coletamos nessa pesquisa e que apresentamos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

Análise dos Dados

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados. A seção 4.1 informa como foi constituído o *corpus* da pesquisa. Na seção 4.2, descrevemos os dados coletados, os quais serão analisados na seção 4.3. A seção 4.4 apresenta as nossas conclusões a respeito da análise dos dados, buscando relacionar com os trabalhos de Faria-Nascimento e Correia (2011) e de Salles & Naves (2009).

4.1 Constituição do *corpus* da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa foi constituído, primeiramente, da sinalização dos nomes de instrumentos pelos informantes surdos. Os instrumentos selecionados para análise e as imagens apresentadas aos surdos para sinalização estão distribuídas na tabela a seguir:

INSTRUMENTOS PARA CORTAR			
			
INSTRUMENTOS PARA PENTEAR E ESCOVAR			
			

INSTRUMENTO PARA PASSAR (ROUPAS)		
		
INSTRUMENTOS PARA ABRIR (GARRAFAS/LATAS)		
		
INSTRUMENTOS PARA PINTAR		
		

Depois de fazerem o sinal do instrumento, isoladamente, os informantes sinalizaram frases contendo os instrumentos. Para a sinalização das frases foram mostradas imagens retiradas do Google, em que o instrumento estava associado à ação verbal, como mostra a tabela a seguir:

Verbo CORTAR			
			
			

Verbos PENTEAR e ESCOVAR		
		
Verbo PASSAR		
		
Verbo ABRIR		
		
Verbo PINTAR		
		

Os dados coletados são apresentados neste trabalho por meio da sinalização de um voluntário surdo, o que ajuda a manter sigilo sobre a identidade dos informantes, como já mencionamos na Introdução.

4.2 Apresentação dos dados

Embora os participantes surdos que colaboraram com esta pesquisa sejam da mesma região, os dados coletados apresentaram variação nos sinais, o que pode significar que alguns deles podem ter aprendido LSB em contato com surdos de outra

região. Entretanto, essa variação não tem implicações significativas para os resultados da nossa pesquisa, porque o foco do trabalho não é variacionista.

Os dados coletados são apresentados a seguir separadamente, de acordo com o verbo sinalizado. As frases completas, produzidas pelos participantes, estão disponíveis no anexo

Verbo CORTAR

O verbo CORTAR foi apresentado aos informantes em ações executadas com o intermédio de instrumentos como tesoura, cortador de unha, faca e machado.

Ao sinalizarem CORTAR COM TESOURA e TESOURA, os participantes utilizaram o espaço neutro, como a seguir:



O sinal CORTAR COM TESOURA deixa de usar o espaço neutro quando inserido em uma frase, porque, nesse caso, passa a ser executado próximo ao referente que representa o argumento interno (objeto) do verbo, como nos exemplos abaixo:

(1) CORTAR-COM-TESOURA + CABELO

a.



b.



Identificamos, nos dados, que alguns dos cinco participantes mudaram a forma de sinalizar o sintagma em (1): em (1a), três participantes sinalizaram com apenas uma mão e, em (1b), dois participantes utilizaram duas mãos.

(2) CORTAR-COM-TESOURA+UNHA



(3) CORTAR-COM-TESOURA+PAPEL



Os dados de (1) a (3) mostram que a forma do sinal para CORTAR, quando essa ação é executada com o instrumento TESOURA, é o mesmo, alterando-se somente a relação com o argumento interno (objeto).

Entretanto, quando mudamos o instrumento, o sinal do verbo CORTAR muda. É o que acontece em (4), em que o instrumento é um cortador de unhas (trim); em (5), em que o instrumento é uma faca; e em (6), em que o instrumento é um machado:

(4) CORTAR-COM-CORTADOR DE UNHA+ UNHA

a.



b.



Para este sinal também encontramos variação: o sinal do instrumento foi executado com a configuração de uma das mãos em 2 e da outra em 14 em (4a) e com a configuração de uma das mãos em 48 e da outra em 30 em (4b). A comparação com

o exemplo em (2) mostra que o instrumento é que determina o sinal, já que o argumento interno (objeto) é o mesmo – UNHA.

(5) CORTAR-COM-FACA+ BOLO



(6) CORTAR-COM-MACHADO+ ÁRVORE



Verbos PENTEAR e ESCOVAR

Para esses verbos, primeiro mantivemos o referente do argumento interno (CABELO) e alteramos o instrumento (PENTE e ESCOVA):

(7) PENTEAR-COM-PENTE+ CABELO

a.



b.



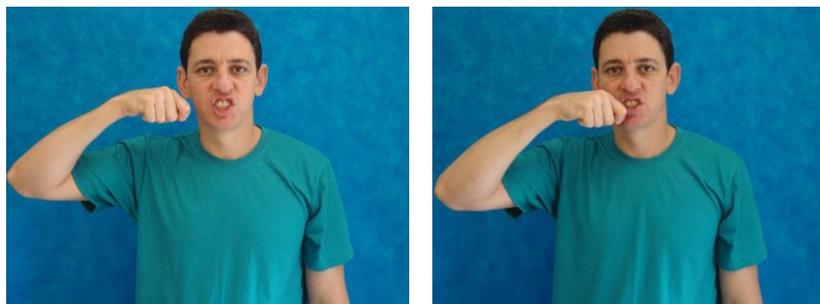
Houve variação na representação do sinal de PENTEAR CABELO, com uma ou duas mãos, da mesma forma que aconteceu com CORTAR CABELO. Também houve variação quanto à configuração da mão ativa, que apareceu em U quando testamos com informantes da região de Brasília (em oposição aos mineiros).

(8) ESCOVAR-COM-ESCOVA+ CABELO



Depois, mantivemos o instrumento (ESCOVA) e mudamos o referente para DENTE. Observamos que a configuração de mão é a mesma, mas a ação é executada no ponto de articulação que representa o argumento interno:

(9) ESCOVAR-COM-ESCOVA+DENTE



Também observamos variação nesse sinal: alguns participantes executaram o sinal com a configuração da mão ativa em 1.

Verbo PASSAR

Com o verbo PASSAR utilizamos somente o referente ROUPA, que pressupõe o instrumento FERRO (de passar):

(10) PASSAR-COM-FERRO+ ROUPA



Verbo ABRIR

Para o verbo ABRIR, escolhemos dois instrumentos: abridor de garrafa e abridor de lata.

(11) ABRIR-COM-ABRIDOR+ GARRAFA

a.



b.



Este sinal também apresentou variação: o sinal do instrumento foi executado com a configuração de uma das mãos em 1 e da outra em 7 em (11a) e com a configuração de uma das mãos em 48 e da outra em 7 em (11b).

(12) ABRIR-COM -ABRIDOR+ LATA



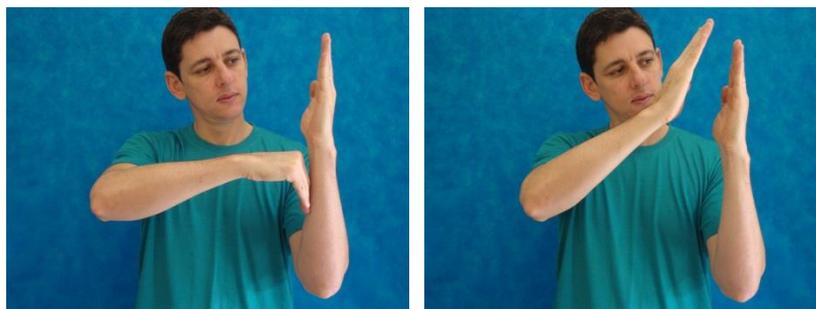
Verbo PINTAR

Primeiro utilizamos o verbo PINTAR com o instrumento PINCEL, mas com dois objetos (argumentos internos) diferentes: CABELO e PAREDE:

(13) PINTAR-COM-PINCEL+ CABELO



(14) PINTAR-COM-PINCEL+ PAREDE



Depois mantivemos o referente PAREDE e alteramos o instrumento para ROLO, e o resultado foi a mudança do sinal:

(15) PINTAR-COM-ROLO+ PAREDE

a.



b.

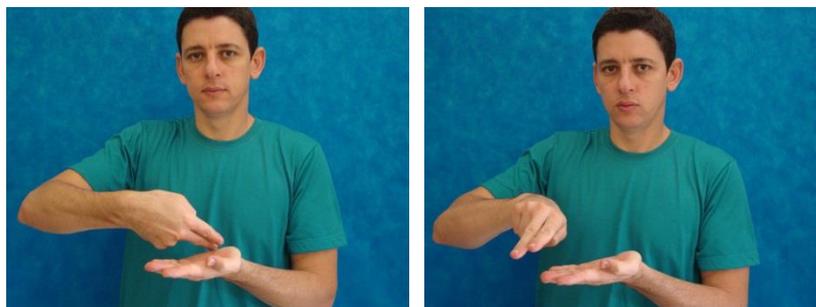


A variação entre (15a) e (15b) se refere ao fato de que, em (15a), o referente (PAREDE) é marcado com o braço e a mão esquerdos, enquanto, em (15b), é o olhar (expressão não manual) que marca o referente.

Por último, mudamos novamente o referente, criando a expressão PINTAR DESENHO, que pode ser executada também com um PINCEL, como vemos em (16a) ou com o LÁPIS, como sinalizado em (16b):

(16) PINTAR DESENHO

a.



b.



4.3 Análise dos dados

A análise dos verbos manuais da LSB, coletados na pesquisa tem como objetivo verificar se os verbos são formados por meio de derivação ou de incorporação, tendo em vista que esses dois processos têm sido descritos na literatura como formadores de verbos manuais em LSB.

Com relação ao verbo CORTAR, observamos que o sinal do verbo corresponde aos sinais dos instrumentos utilizados para executar a ação (TESOURA, CORTADOR DE UNHA, FACA e MACHADO), de modo que não há sinal próprio para o verbo CORTAR. Portanto, o sinal de CORTAR é o sinal do instrumento que se usa para cortar.

Os verbos PENTEAR e ESCOVAR, da mesma forma, não possuem sinal próprio e tomam a forma dos instrumentos PENTE e ESCOVA para a formação de frases. A forma do verbo quando o referente da ação é DENTE também utiliza uma configuração de mão segurando o instrumento.

ABRIR também é um verbo sem sinal próprio em LSB. Dependendo do contexto, o verbo toma a forma do instrumento usado para executar a ação (como abridor de garrafa ou abridor de lata).

O mesmo vale para o verbo PASSAR, em que o sinal é o do instrumento, o que demonstra que PASSAR não possui sinal próprio.

PINTAR se comporta da mesma forma que os demais verbos: é o tipo de instrumento que dá forma ao sinal do verbo. Não existe um item lexical próprio para o verbo PINTAR.

O nosso estudo mostra, portanto, que, nos casos dos verbos acima e, de maneira geral, dos verbos em que os sinais tomam a forma dos instrumentos, não existe incorporação do nome do instrumento ao verbo, porque verbos como CORTAR, PENTEAR, ABRIR, PASSAR e PINTAR não possuem sinais próprios em LSB. Como vimos no Capítulo 3, na seção que tratou teoricamente do processo de incorporação, e também na descrição do trabalho de Saraiva (1997) sobre a incorporação nominal em língua portuguesa, a incorporação consiste na combinação (morfo sintática ou semântica) de dois itens lexicais – o nome e o verbo – e, em LSB, existe um único item lexical, que é o sinal que representa o nome do instrumento. Consideramos, portanto, que o processo pelo qual os verbos manuais de instrumento são formados em LSB é a derivação, que consiste em utilizar uma palavra de uma classe em outra classe, com ou sem modificação morfológica, como vimos na seção do Capítulo 3 que descreveu teoricamente o processo de derivação.

Com relação a esse aspecto, verificamos também se havia diferença quanto ao movimento na distinção entre verbos e nomes, como afirmam Quadros e Karnopp (2004). Os dados coletados não mostraram regularidade quanto a esse aspecto: alguns verbos sinalizados pelos participantes apresentaram movimentos mais repetidos que os nomes, outras vezes foram os nomes que apresentaram movimentos mais repetidos que os verbos, de modo que a coleta de dados não foi conclusiva quanto a haver uma diferença morfológica consistente na diferenciação entre verbos manuais de instrumentos e os respectivos nomes de instrumento.

Para comprovar a nossa análise, procuramos outros verbos no dicionário dos Capovilla e Raphael (2001) para comparação.

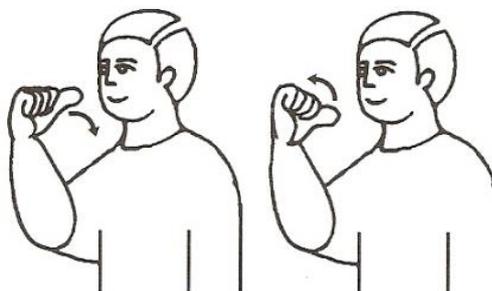
Os verbos BEBER/TOMAR e COMER comportam-se diferentemente dos verbos de instrumentos analisados acima. Vejamos:

(17) BEBER-COM-XÍCARA+ CAFÉ



O sinal de BEBER-CAFÉ representa o sinal do instrumento XÍCARA, que se usa para executar a ação descrita pelo verbo. Entretanto, o verbo BEBER tem sinal próprio, como mostra a figura abaixo:

(18) BEBER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 284)

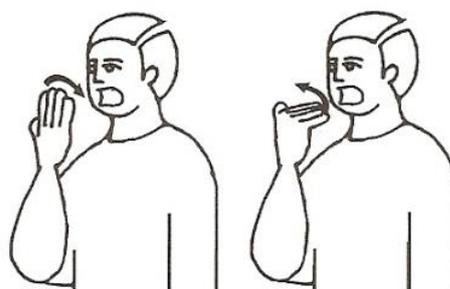
Nesse caso, temos dois itens lexicais: BEBER e XÍCARA, que se combinam morfossintaticamente na formação do sinal em (17). Esse verbo é, portanto, um exemplo de incorporação de instrumento em LSB, porque há dois itens lexicais disponíveis na língua, os quais se combinam para formar o predicado.

Outro caso de incorporação em LSB, segundo a nossa análise, é o que se tem com o objeto, como no sinal do predicado COMER-MAÇÃ (cf. (19), em que o sinal do verbo (cf. (20)), incorpora o sinal do objeto MAÇÃ:

(19) COMER-MAÇÃ



(20) COMER



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 434)

Verificamos que COMER e MAÇÃ têm sinal próprio e esses sinais se combinam morfossintaticamente para formar o predicado; portanto, há incorporação. Strobel e Fernandes (1998, p. 23) argumentam que, quando o verbo incorpora o objeto, alguns parâmetros se modificam para especificar as informações.

Concluimos que os verbos manuais de instrumentos não apresentam incorporação e sim derivação por não possuírem sinal próprio e serem formados pela apropriação direta dos sinais correspondentes aos nomes de instrumentos. Não foi possível verificar se essa apropriação direta sofre efeitos morfológicos como o da sufixação ou o da derivação regressiva, uma vez que o parâmetro do movimento não apresentou uma forma específica para os verbos ou os os nomes.^{8,9}

⁸ Uma questão que se coloca é que tipo de derivação ocorre (Faria-Nascimento, c.p.), ou seja, haveria um processo de afixação associado à formação desses verbos? Nesse caso, como seria a segmentação morfológica? Consideramos duas possibilidades: (i) que o movimento (apesar de não confirmado nos

4.4 Conclusões a respeito da análise

A análise acima está de acordo com a proposta apresentada por Faria-Nascimento e Correia (2011) de que os verbos manuais se classificam em verbos classificadores de instrumentos e verbos classificadores de entidade (cf. resumo no Capítulo 2 desta dissertação). Entretanto, ao contrário do que dizem Faria-Nascimento e Correia (2011), demonstramos que essas duas classes de verbos manuais se distinguem quanto ao processo de formação: enquanto as autoras dizem que se trata de casos de incorporação do instrumento ou da entidade que representa o objeto (argumento interno), nós consideramos que os primeiros são casos de derivação, em que a configuração de mão representa o instrumento para ser utilizado para predicar porque o verbo não tem sinal próprio.¹⁰

Outro trabalho que dialoga com os resultados alcançados nesta dissertação é o de Salles e Naves (2009), que abordam a manifestação sintática do instrumento nos predicados da língua portuguesa, contrastando o verbo “abrir” com o verbo “pintar”, os quais têm comportamento diferente, conforme mostram os dados em (21) e (22):

- (21) a. A Maria abriu a porta com a chave.
b. A chave abriu a porta.
c. A porta abriu (com a chave).

dados) seja o morfema associado à derivação do verbo; (ii) que a afixação seja por um morfema zero do tipo categorizador. Deixaremos essa questão para pesquisas futuras.

⁹ Faria-Nascimento (c.p.) observa que no dado CORTAR BOLO COM FACA, o sinal de FACA sofre modificação em função do objeto (BOLO). Consideramos, entretanto, que os processos de derivação e de incorporação não são excludentes, podendo coocorrer. Uma análise possível para esse caso seria, portanto, que o verbo se forma por derivação a partir do nome do instrumento e, depois, ocorre a incorporação do objeto, modificando o sinal do verbo CORTAR-COM-FACA. Deixaremos esse dado para uma análise mais profunda em pesquisas futuras.

¹⁰ Lima-Salles (c.p.) observa que existe uma generalização possível da análise apresentada nesta dissertação: instrumentos formam verbos por derivação, e objetos incorporam aos verbos (num processo sintático). Concordamos que essa é uma generalização possível, mas que é desafiada por verbos como “abrir”, como será demonstrado na argumentação subsequente. Por essa razão, deixaremos esse tema para uma pesquisa futura.

- (22) a. O João pintou a casa com um rolo.
b. *Um rolo pintou a casa.
c. *A casa pintou (com um rolo).

As autoras explicam essa diferença de comportamento sintático dos predicados dizendo que a noção de instrumento está implicada na estrutura léxico-conceitual do verbo “pintar”, que pressupõe um instrumento mesmo quando o sintagma instrumental não está presente na sentença (por exemplo em “O João pintou a casa”), mas não está implicada na estrutura léxico-conceitual do verbo “abrir”, em que o evento pode ocorrer espontaneamente, como efeito de uma causa natural (o que explica a possibilidade de ocorrência da sentença em (21c), eliminando-se o sintagma preposicional entre parênteses). Essa propriedade léxico-conceitual se traduz sintaticamente, na proposta das autoras, pela presença de um núcleo aplicativo que vincula o instrumento ao argumento externo (o agente) para o verbo “pintar”, em oposição ao verbo “abrir”, que não projeta um núcleo aplicativo para vincular instrumento e argumento externo.

No nosso estudo, abordamos também o papel do sintagma instrumento com o verbo ABRIR e com o verbo PINTAR. Entretanto, embora o trabalho de Salles & Naves distinga o verbo “abrir” do verbo “pintar” em termos da sua estrutura léxico-conceitual, a nossa análise mostra que, em LSB, ABRIR e PINTAR são produzidos pelo mesmo processo de formação de palavras, ou seja, eles não se distinguem – ambos são formados pela derivação do verbo a partir do nome do instrumento, o que significa que, em LSB, esses verbos devem carregar a noção de instrumento em suas estruturas léxico-conceituais. Isso pode representar um problema para a análise de Salles & Naves (2009).

Apesar disso, consideramos que esse problema pode ser apenas aparente, porque o sinal de PINTAR, em LSB, não ocorre desvinculado do instrumento (ou seja, o sinal de PINTAR é sempre o sinal do instrumento, independentemente de qual seja o objeto), mas o sinal de ABRIR tanto pode ser derivado do instrumento, como já demonstramos na seção 4.2, quanto pode ser denotado pelo sinal do objeto, como nos casos de ABRIR PORTA, ABRIR ZIPER e ABRIR TAMPA, em que o instrumento não está necessariamente pressuposto e não faz parte do sinal do verbo.

Sendo assim, o instrumento é parte da estrutura léxico-conceitual de PINTAR, mas não é parte da estrutura léxico-conceitual de ABRIR, o que confirma a hipótese de Salles & Naves (2009). Se isso estiver correto, o verbo ABRIR pode ser derivado tanto do instrumento quanto do objeto, enquanto o verbo PINTAR só pode ser derivado do instrumento. Deixaremos essa análise para uma pesquisa futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação foi trabalhada a questão de qual seria o processo de formação dos verbos manuais da LSB, tendo em vista que, na literatura sobre LSB ora os autores falam em derivação ora em incorporação.

O trabalho consistiu em levantamento bibliográfico sobre o tema e em coleta de dados produzidos por participantes surdos, proficientes em LSB e oriundos da região de Minas Gerais, os quais aceitaram ser voluntários na pesquisa.

A análise dos dados revelou que os verbos manuais analisados (CORTAR, PENTEAR, ESCOVAR, ABRIR, PASSAR e PINTAR) são formados por um processo de derivação, e não de incorporação, porque, segundo a proposta teórica de Baker (1988) sobre incorporação nominal, a incorporação é um processo sintático em que um item lexical se combina com outro item lexical para formar um objeto linguístico complexo e, no caso dos verbos analisados, o item lexical correspondente ao verbo não existe isoladamente na língua, sendo sempre denotado pelo sinal do instrumento.

A comparação com os verbos TOMAR/BEBER e COMER, que possuem sinais próprios em LSB mostra que há, também, processos de formação de verbos por incorporação, mas isso não se aplica à maioria dos verbos manuais, e parece estar mais vinculado à possibilidade de incorporação do objeto (argumento interno), como em COMER MAÇÃ.

Na análise dos dados coletados não foi possível confirmar se esse processo derivacional tem relação com o parâmetro do movimento, como abordado por Quadros e Karnopp (2004). Encontramos diferença nos movimentos, mas às vezes os verbos apresentam mais movimento que os nomes, outras vezes são os nomes que apresentam mais movimento que os verbos.

A análise dos verbos apresentados acima está de acordo com a proposta apresentada por Faria-Nascimento e Correia (2011) de que os verbos manuais se dividem em verbos classificadores de instrumentos e verbos classificadores de entidade.

Também dialoga com os resultados da pesquisa de Salles e Naves (2009), que indicam que verbos como “pintar” carregam a noção de instrumento em sua estrutura léxico-conceitual, em oposição a verbos como “abrir”, que não carregam. No caso da LSB, observamos que o verbo PINTAR é sempre sinalizado com o instrumento, enquanto o verbo ABRIR pode ser sinalizado com o instrumento ou com o objeto (argumento interno) – ABRIR GARRAFA COM ABRIDOR *versus* ABRIR PORTA.

Embora esta pesquisa sobre os verbos manuais na LSB tenha resultado em uma revisão da descrição dos processos de formação dos verbos manuais nessa língua, estamos cientes de que o tema requer mais pesquisas, para que seja melhor aprofundado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BERNARDINO, E. Absurdo ou lógica. **Os surdos e sua produção linguística**. Belo Horizonte Profetizando a vida, 2000.

BRITO, L. F. **A aquisição do português por surdos sob uma perspectiva semântico-pragmática**. In: Anais do III Congresso da SIPLÉ – Desafios e respostas para o ensino de português como segunda língua. Universidade de Brasília, Brasília, 2001. p. 07-24.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileira: UFRJ, 1995.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. 2^a ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CASTRO JUNIOR, G. **Variação linguística em língua de sinais brasileira – foco no léxico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, 2011.

CHOMSKY, M. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CRAIN, S. e LILLO-MARTIN, D. **An introduction to linguistic theory and language acquisition**. Osford: Blackwell Publishers, 1999.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos**. Lisboa: UCP, 2011.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavra na LIBRAS**. Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, nº 2, p. 200-217, jun. 2006.

FIORIN, J. L. **Introdução à Lingüística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.

GESSER, A. **LIBRAS**. Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GROLLA, Eliane. **Aquisição da linguagem**. Florianópolis: CCE, 2009.

LAMPRECHT, R. et alli. **Aquisição fonológica do português - perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAMPRECHT, R. R. **Memórias do passado, repercussões no presente: vinte anos de pesquisa em aquisição da linguagem na PUCRS.** Letras de Hoje. N. 132, v. 38, p.11-16, jun. 2003.

LIMA-SALLES, H. M. M. L. e NAVES, R. R. (org) **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

LUCAS, C., VALLI, C. **Linguistics of american sign language.** An introduction. Washington: Clerc Books, 2000.

LYONS, John. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução.** Rio de Janeiro: LTC,1987.

MATZENAUER, C. L. B. **Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In.: Scarpa, Ester Mirian. Aquisição da linguagem.** In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.) **Introdução à lingüística - domínios e fronteiras.** Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2003.

MCCLELLAND, J. D. & RUMELHART, D. E. **Parallel distributed processing: explorations in the microstructure of cognition: psychological and biological models.** V.2. Cambridge: MIT, 1986.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F. e LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe.** Florianópolis: Insular, 3^a ed., 2007.

NASCIMENTO, C. B. do. **Empréstimo lingüístico do português na língua de sinais brasileira – LSB: línguas em contato.** Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NETO, J. F. e SILVA, C.R.T. (org). **Programa Minimalista em foco: princípios e debates.** Curitiba: CRV, 2012.

PIMENTA, N.; QUADDROS, R. M de. **Curso de LIBRAS.** 2. ed. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2008.

PIZZO, A. L. **A Variabilidade da Origem das Palavras na Aquisição da Língua de Sinais Brasileira: Construções com Tópico e Foco.** Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

QUADROS, R. M de. **Estudos surdos III.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M de; SHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de.(org.) **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. 9^o Theoretical Issues In Sign Language Research Conference, Florianópolis, 2006.

SALLES, H. M. M. L. e NAVES, R. R. O estatuto da preposição ‘com’ em construções com alternância sintática. **Polifonia** (UFMT), v. 17, p. 9-27, 2009.

SARAIVA, M. E. F. **“Buscar menino no colégio”**: a questão do objeto incorporado em português. Campinas: Pontes, 1997.

VELOSO, B. S. **Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 2010.

Sites consultados

<http://pt.scribd.com/doc/40332268/aquisicao-de-segunda-lingua-e-a-gramatica-universal>

<http://pt.scribd.com/doc/57220588/5/tipos-de-verbos-em-libras>

<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1139/disserta%c3%a7%c3%a3o%20para%20imprimir.pdf?sequence=1>

<http://www.librasemcontexto.org/producao/classifemlibrasines2002.pdf>

<http://www.lifeprint.com/>

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a13v16n2.pdf>

<http://www.webartigos.com/artigos/libras-aquisicao-e-importancia-na-educacao-do-surdo/35453/>

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade4/unidade4_arquivos/imagem4.jpg

ANEXO I

FRASES

Informante A

Frase 1: PEGAR CORTAR-CABELO

Frase 2: CORTAR UNHA

Frase 3: CORTAR UNHA

Frase 4: CORTAR BOLO

Frase 5: FOLHA CORTAR PAPEL

Frase 6: CORTAR ÁRVORE

Frase 7: PENTEAR CABELO

Frase 8: CABELO DIFERENTE ESCOVA REDONDA ESCOVAR CABELO

Frase 9: ESCOVAR DENTE

Frase 10: PASSAR ROUPA QUENTE

Frase 11: ABRIR GARRAFA CERVEJA TONTO

Frase 12: ABRIR LATA PACIENCIA COLOCAR COMER GOSTOSO

Frase 13: PINTAR CABELO VÁRIOS CORES

Frase 14: PINTAR PAREDE MARROM

Frase 15: PINTAR PAPEL COR CRIANÇA ESCREVER BRINCAR

Informante JF

Frase 1: MULHER USAR QUER CORTAR CABELO BONITO PERFEITO

Frase 2: UNHA SUJA LIMPAR PRECISAR CORTAR UNHA BONIT@ PINTAR BONIT@

Frase 3: NENÊM FOF@ BONIT@ UNHA PEQUENA BONIT@ UNHA GRANDE PRECISAR CORTAR UNHA BONIT@ NORMAL.

Frase 4: MULHER PROFISSIONAL FAZER BOLO MEXER MEXER DEMORAR PRECISAR ORGANIZAR COLOCAR FORNO DEPOIS PEGAR CORTAR BOLO ORGANIZAR COBERTURA

Frase 5: PAPEL ORGANIZAR CORTAR PAPEL COLAR.

Frase 6: ÁRVORE ÁRVORE VER ÁRVORE MELHOR VER ÁRVORE GRANDE VAMOS CORTAR ÁRVORE CAIR FOGO ESQUENTAR ME AJUDAR.

Frase 7: PRECISAR BANHO LAVAR CABELO PRONTO VOLTAR TOALHA PENTEAR CABELO CHEIROSO PRECISAR.

Frase 8: VOU PENSAR AH MULHER USAR FESTA CONVIDAR USAR VOU ESCOVAR CABELO

Frase 9: DENTE SUJO COMO PRECISAR PASSAR CREME ESCOVAR DENTE LIMPO.

Frase 10: MUITAS ROUPAS LAVAR MUITO TRABALHO PEGAR PRENDER DEPOIS ESPERAR PEGAR PASSAR ROUPA ORGANIZAR DOBRAR LIMPO.

Frase 11: PESSOA SENTAR CIRCULO BEBER CHAMAR GARÇOM ABRIR GARRAFA CERVEJA VAMOS OK

Frase 12: SUPERMECARDO PEGAR LATA MILHO EU PENSAR VISITAR ALMOÇO LEMBRAR ME AVISAR PEGAR CARNES VÁRI@ COLOCAR CARRINHO DEPOIS AMANHA CEDO LIMPAR CHÃO PRONTO LIMPO VOLTAR 12H COZINHAR ABRIR LATA COLOCAR MILHO ARROZ MISTURAR COMER

Frase 13: BRANCO CABELO NÃO GOSTAR PRECISAR MUDAR COMPRAR FARMÁCIA COR ESCOLHER PRETA MELHOR VOU EU PROFISSIONAL MEXER PRIMEIRO PENTEAR DIVIDIR OLHAR ESPELHO PINTAR CABELO DEPOIS 30MIN LAVAR NORMAL.

Frase 14: CASA VER PAI MAE VAMOS FEIA VELHA VISTAR FAMÍLIA PINTAR PAREDE MELHOR. VAMOS CONSEGUIR VAMOS COMBINAR COMPRAR COR AZUL BONITO PERFEITO JUNTOS CHEGAR COMBINAR VAMOS PINTAR PAREDE EU AJUDAR NÓS DOIS PINTAR PAREDE PRONTO LIMPO.

Frase 15: EU CRIANÇA EU GOSTAR PINTAR PAPEL COPIAR QUER IGUAL BRINCAR PINTAR PAPEL IGUAL BRINCAR NORMAL FELIZ.

Informante JC

Frase 1: CORTAR CABELO LISO

Frase 2: CORTAR UNHA

Frase 3: CORTAR UNHA

Frase 4: MULHER FAZER BOLO DEPOIS CORTAR BOLO DAR CADA UM

Frase 5: PAPEL CORTAR PAPEL

Frase 6: HOMEM TRABALHAR CORTAR ÁRVORE CAIR

Frase 7: CABELO ALTO RAIVA PRECISAR PENTEAR CABELO BAIXO

Frase 8: MULHER CABELO BAGUNÇAR FÁCIL ESCOVAR CABELO LISO

Frase 9: TER COMIDA DENTE SUJO PRECISAR ESCOVAR DENTE LIMPO
BRANCO

Frase 10: ROUPA AMARROTADA FÁCIL PASSAR ROUPA PERFEITA

Frase 11: ABRIR GARRAFA COLOCAR COPO BEBER

Frase 12: ABRIR LATA MILHO COLOCAR COMER

Frase 13: CABELO BRANCO PRECISAR PINTAR CABELO CASTANHO

Frase 14: HOMEM PINTAR PAREDE VELHA

Frase 15: MULHER IRMA HOMEM SENTIR APRENDER PINTAR PAPEL
AJUDAR

Informante J

Frase 1: MULHER ANDAR SENTAR CORTAR CABELO PRONTO SAIR

Frase 2: MENINA BEBÊ UNHA GRANDE MÃE CORTAR UNHA TESOURA
NÃO

Frase 3: OUTRO CORTAR UNHA BONITO

Frase 4: MULHER FAZER BOLO MISTURAR MEXER CORTAR BOLO

Frase 5: PEGAR PAPEL TORTO CORTAR PAPEL COLCAR BONITO

Frase 6: ÁRVORE FEIA PEGAR CORTAR ÁRVORE BONITO

Frase 7: MULHER CABELO ALTO PEGAR PENTEAR CABELO BAIXO

Frase 8: MULHER VONTADE ESCOVAR CABELO

Frase 9: ESCOVAR DENTE GARGAREJAR

Frase 10: PEGAR ROUPA AMARROTADA PASSAR ROUPA

Frase 11: AMIGO PEGAR ABRIR GARRAFA CERVEJA

Frase 12: TOMATE LATA ABRIR LATA COLOCAR PANELA

Frase 13: CABELO PRETO VONTADE PINTAR CABELO LOIRO

Frase 14: PAREDE FEIA VELHA PRECISAR PINTAR PAREDE BRANCA BONITA

Frase 15: MULHER DUAS CRIANÇA FAZER PINTAR PAPEL BONITO MOSTRAR.

Informante M

Frase 1: MULHER IR CASA CABELO GRANDE CORTAR CABELO CURTO BONITO

Frase 2: MÃE PEGAR FILHO CORTAR UNHA CRIANÇA

Frase 3: CORTAR UNHA PEQUENA

Frase 4: MULHER EMPREGADA COZINHAR COMER FAZER CORTAR BOLO GOSTOSO

Frase 5: CORTAR PAPEL

Frase 6: HOMEM IR FLORESTA CORTAR ÁRVORE

Frase 7: MULHER PENTEAR CABELO

Frase 8: MULHER FAZER ESCOVAR CABELO ARRUMADO BONITO

Frase 9: MULHER IR ESCOVAR DENTE LIMPO

Frase 10: MULHER PASSAR ROUPA

Frase 11: MULHER ABRIR GARRAFA REFRIGERANTE CERVEJA

Frase 12: ABRIR LATA MILHO TOMATE

Frase 13: PINTAR CABELO COR PRETA LOIRA

Frase 14: PINTAR PAREDE CASA

Frase 15: MENINO MENINA PINTAR PAPEL APRENDER.

ANEXO II

Comitê de Ética

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Incorporação de argumentos nos predicados da língua brasileira de sinais

Pesquisador: Geysel Araújo Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 09787712.9.0000.5540

Instituição Proponente:

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 165.527

Data da Relatoria: 26/11/2012

Apresentação do Projeto:

A partir da comparação com um estudo sobre a incorporação de objeto da língua portuguesa (Saraiva, 1997), pretendemos desenvolver a hipótese de que na LSB pode haver incorporação de argumentos, mas de um conjunto maior de elementos em relação à LP como acontece com os sintagmas. Pretendemos investigar, também, adotando os pressupostos teóricos da gramática gerativa, se a incorporação de argumentos nas sentenças em LSB, segue os mesmos parâmetros apontados por Saraiva (1997) para a língua portuguesa.

Objetivo da Pesquisa:

pretendemos desenvolver a hipótese de que na LSB pode haver incorporação de argumentos, mas de um conjunto maior de elementos em relação à LP. Pretendemos investigar, também, adotando os pressupostos teóricos da gramática gerativa, se a incorporação de argumentos nas sentenças em LSB segue os mesmos parâmetros apontados por Saraiva (1997) para a LP.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos aos participantes e os benefícios são esclarecidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários adicionais a fazer.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Cumprir com todos os requisitos exigidos pela Resolução 196/96. Sem comentários adicionais a fazer.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC 2 ALA NORTE 2 MEZANINO 2 SALA B1 2 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br

INSTITUTO DE CIENCIAS
HUMANAS / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O parecerista e colegiado decidiram pela aprovação do projeto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BRASILIA, 07 de Dezembro de 2012

Assinador por:
Debora Diniz Rodrigues
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC à ALA NORTE à MEZANINO à SALA B1 à 606 (MINHOCÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

**Endereço: ICC Ala Norte, Subsolo, Módulo 20 - UnB - Brasília - DF - CEP:70910-900
70910-900 Brasília, DF - tel.: (61) 31077050**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados serão utilizados para pesquisa e elaboração de Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB. Não é necessária a sua identificação.

PROJETO DE PESQUISA : INCORPORAÇÃO DE INSTRUMENTOS NOS PREDICADOS DA LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Pesquisadora responsável: **Geyse Araujo Ferreira**

Matrícula 110070593

(Programa de Pós-Graduação em Linguística-UnB)

geyseferreira@gmail.com

Cel.: (0xx34) 9203-4566

CEP.: 32.701-322

Orientadora: Dr^a Rozana Reigota Naves

Professora da Universidade de Brasília

Matrícula FUB 1017756

rnaves@unb.br

Prezado participante,

O objetivo da minha pesquisa é analisar a Língua de Sinais Brasileira. Peço a gentileza de preencher este questionário, respondendo em língua portuguesa as perguntas nele contidas. Eu acompanharei o preenchimento e, em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá se dirigir a mim para qualquer esclarecimento. Declaro que, conforme o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os resultados serão apresentados apenas no seu conjunto, sem identificação de qualquer um dos participantes.

Dados Pessoais

1. Nome (opcional):

2. Idade: _____
—
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Em que cidade você reside? _____
5. Qual o seu grau de surdez?
() leve
() moderada
() severa
() profunda
() unilateral
() bilateral
6. Quando você ficou surdo (a)?
() nasceu surdo (a)
() tornou-se surdo (a) com a idade de _____ anos. Causa: _____
7. Você usa aparelho auditivo? () sim () não
8. Você estuda? () sim () não
9. Na sua casa você vê televisão com *closed caption*? () sempre () nunca () às vezes
10. Você assiste a filmes/vídeos com legenda? () sempre () nunca () às vezes

Dados Linguísticos

1. Onde você aprendeu LIBRAS? () casa () escola () outro
2. Sua família fala a LIBRAS? () sim () não () às vezes
3. Em casa, você e família sempre falam a LIBRAS? () sim () não
4. Você usa o Português escrito? () sim () não

5. Em que situações você usa o Português Escrito?

Internet Celular

Trabalho Escola

Outros: _____

6. Você tem costume de ler? sim não às vezes

6.1. O que você costuma ler?

revistas jornais livros outros:

7. Você tem dificuldade de entender o que lê?

sim não às vezes

Agradeço muito a sua colaboração!

GEYSE ARAUJO FERREIRA



Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Endereço: ICC Ala Norte, Subsolo, Módulo 20 - UnB - Brasília - DF - CEP:70910-900

70910-900 Brasília, DF - tel.: (61) 31077050

**PROJETO DE PESQUISA : INCORPORAÇÃO DE ARGUMENTOS NOS
PREDICADOS DA LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Pesquisadora responsável: **Geyse Araújo Ferreira**

Matrícula 110070593

(Programa de Pós-Graduação em Linguística-UnB)

geyseferreira@gmail.com

Cel.: (0xx34) 9203-4566

CEP.: 38.701-322

Orientadora: Dr.^a Rozana Reigota Naves

Professora da Universidade de Brasília

Matrícula FUB 1017756

rnaves@unb.br

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IH

Instituto de Ciências Humanas

Universidade de Brasília

cep_ih@unb.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Prezado(a) Senhor(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa sobre “INCORPORAÇÃO DE ARGUMENTOS DOS PREDICADOS DA LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA”, de autoria de Geyse Araujo Ferreira, para a obtenção do grau de mestrado, no Programa de Pós- Graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília-UnB.

A pesquisa se justifica pela necessidade de uma investigação sobre incorporação de argumentos dos predicados da Língua de Sinais Brasileira, pois os trabalhos realizados até o momento são ainda elementares.

O(a) senhor(a) foi selecionado(a) por ser surdo, usuário fluente da Língua de Sinais Brasileira e residente em Brasília ou em uma das cidades do estado de Minas Gerais. Esclareço que a sua participação não é obrigatória. O(a) senhor(a) também não terá qualquer ônus em decorrência da sua participação. A qualquer momento poderá desistir de participar e retirar o seu consentimento, ficando à vontade para recusar qualquer fase do estudo, assim como poderá se recusar a responder qualquer pergunta que julgar constrangedora. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição UnB. Como a sua participação será voluntária, informo que não caberá qualquer espécie de remuneração ou de vantagens pessoais.

O objetivo de minha pesquisa é desenvolver a hipótese de que na língua de sinais brasileira pode haver incorporação de argumentos, mas de um conjunto maior de elementos em relação à língua portuguesa.

A pesquisa de campo de língua de sinais é fundamental e para registrar os dados será necessário fazer gravações em vídeo. Cada gravação será transcrita e analisada por mim. Caso você concorde, sua imagem poderá ser utilizada em forma de filmagem ou fotografia para fins científicos e de estudos, tais como: livros, artigos, slides ou transparências, em favor da pesquisa, respeitando-se o anonimato (ver **TERMO DE USO DE IMAGEM E VOZ** em anexo).

Por essas razões, adotarei como procedimento de coleta de dados que o(a) senhor(a) será filmado(a) por mim. Sua participação nesta pesquisa consistirá em sinalizar na Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) frases simples sugerida por mim. Poderá ficar sentado ou de pé, sinalizando para a câmera.

As gravações ocorrerão em dia, horário e local a serem combinados de acordo com a sua conveniência. Será utilizada uma câmera digital. Após as gravações, convido o(a) senhor(a) a assistir à própria gravação e a comentar comigo os trechos que necessitem de esclarecimento na tradução do que foi produzido em LIBRAS. Antes de começarmos a filmar, convido a responder um questionário (ver **QUESTIONÁRIO** em anexo) elaborado para coletar informações quanto às características dos participantes relativas a: sexo, idade, cidade onde mora; grau e tipo de surdez, uso de aparelho auditivo; onde e quando aprendeu LIBRAS. Seus dados pessoais serão confidenciais e não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Todos os questionários ficarão sob minha guarda e serão destruídos ao final da pesquisa, em março de 2013.

Com a sua participação será possível melhorar a qualidade das análises da gramática da Língua de Sinais Brasileira e identificar as diferenças estruturais que dificultam o aprendizado do idioma nacional por pessoas surdas. Os resultados da pesquisa serão divulgados por meio de apresentação em Seminários de Pesquisa em dias e horários organizados pelo Programa de Pós-Graduação (PPGL), na própria Universidade, sendo aberto ao público interessado. Enviarei o convite para assistir ao Seminário de Pesquisa por endereço eletrônico (via internet) e/ou por mensagem para o seu telefone celular (SMS).

Ao concordar em participar desta pesquisa, você receberá uma cópia do termo de consentimento onde constam o meu telefone e endereço eletrônico, bem como o da minha professora, orientadora da pesquisa, além do endereço eletrônico do CEP/IH, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Brasília, de de 2012 .

Geyse Araújo Ferreira

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, eu _____(campo para preenchimento do nome), RG _____, participante desta pesquisa sobre INCORPORAÇÃO DE ARGUMENTOS DOS PREDICADOS DA LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA, de autoria de Geyse Araújo Ferreira, após leitura do presente documento, declaro estar ciente dos procedimentos aos quais serei submetido e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firmo o meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Brasília, de de 201 .

(assinatura do participante voluntário)

ANEXO III

Termo de Autorização

Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Eu, _____ autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado *Incorporação de Argumentos nos Predicados da Língua Brasileira de Sinais*, sob responsabilidade de *Geyse Araújo Ferreira* vinculado(a) ao *Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília*.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para *em forma de filme ou fotografia exclusivamente para fins científicos e de estudos, em livros, artigos, slides ou transparências, em favor exclusivamente da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004)*.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, ____ de _____ de _____